

Directora: **Nassalete Miranda**  
28 Outubro de 2015  
Nº 157 | Preço: 2 euros  
Quinzenalmente às quartas

# AS ARTES ENTRE AS LETRAS

«A Luz»  
do PortoCartoon 2015  
em nove municípios  
da Comunidade  
Intermunicipal do Oeste  
até 30 de Novembro



Grande Prémio PortoCartoon 2015: Alessandro Gatto, Itália

EM DESTAQUE // PÁGS. 4 a 6

## 1.º Centenário da morte de Ramalho



Desenho de Hélder de Carvalho

TEATRO | Pág.18

### “Teatro? P’ra quê? Isso não dá de comer, homem!”

Por Castro Guedes

MÚSICA | Págs.19 a 21

### «Cayo Carpo & Bb Music»: simbiose entre música e gastronomia

### E se falássemos de música?

Por Miguel Leite

### Os três grandes

Por Carlos Tavares

EDUCAÇÃO | Págs.22 e 23

### Conheça as vantagens dos trabalhos manuais

Por Laura Henriques

EM NOTÍCIA | Pág.25

### Heterónimos e avatares da felicidade, no Fórum do Futuro - Porto



SingularPlural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.  
Capital Social: 5.000 €  
Número de Certidão: 0232-6801-3200  
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS  
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.  
4050-012 Porto  
Telefone e Fax: 22 606 35 56  
Telemóvel: 91 803 56 76  
E-mail: singplural@gmail.com

Publicidade  
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.  
4050-012 Porto  
Telefone e Fax: 22 606 35 56  
Telemóvel: 91 803 56 76  
E-mail: singplural@gmail.com

## FICHA TÉCNICA

**DIRECTORA:** Nassaete Miranda  
**EDITORIA:** Isabel Fernandes  
**FOTOGRAFIA:** Ângela Velhote  
**DIRECÇÃO COMERCIAL:** Maria José Guedes  
**GRAFISMO:** Pedro Cunha  
**PAGINAÇÃO:** Pedro Cunha  
**SITE:** Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira  
**CONTACTOS:** Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq. | 4050-012 Porto  
Telefone e Fax: 22 606 35 56  
Telemóvel: 91 803 56 76  
Email: artesentreltras@gmail.com  
**REGISTO NA ERC**  
125685  
**IMPRESSÃO**  
Selecior - Artes Gráficas, LDA  
Rio Tinto - Telef: 22 485 42 90  
**DISTRIBUIÇÃO**  
VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca 2739 - 511 Agualva Cacém  
Telef: 21 433 70 00  
**PONTOS DE VENDA**  
contactcenter@vasp.pt  
Telef: 80820655 - Fax: 80820613  
**PROPRIEDADE:**  
Singular Plural  
**NIF**  
509578942  
**TRAGEM**  
1250 exemplares  
*Interrita a reprodução mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais*

## CONSELHO EDITORIAL

Amaldo Saraiva | Agustina Bessa-Luis  
António Vitorino d'Almeida  
Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo  
Francisco Ribeiro da Silva | Helder Pacheco  
Isabel Ponce de Leão | José Atalaya  
José Rodrigues | Levi Guerra  
Lidia Jorge | Mário Cláudio  
Miguel Cadilhe | Miguel Veiga  
Salvato Trigo

## COLABORADORES ESPECIAIS

Adelto Gonçalves | Alberto Cadilhe | André Lamas Leite  
António José Queiroz | Armando Alves | Artur Serra Araújo  
Carlos Cabral Nunes | Carlos Tavares | Cristino Cortes  
Domingos Lobo | Eugénio Lisboa | Francisco d'Eulália | Francisco Noronha  
Francisco Simões | Guilherme d'Oliveira Martins | Helena AM Pereira  
Jorge Leandro | Jorge Sanglard | J. Esteves Rei  
José Carlos Seabra Pereira | Lauro António | Manuel Sobrinho Simões  
Manuela Aguiar | Maria Antónia Jardim | Maria do Carmo Cardoso  
Mendes | Martinho Soares | Miguel Leite | Mónica Baldaque  
Paulo Ferreira da Cunha | Ramiro Teixeira  
Rodolfo Alonso | Rudesindo Soutelo | Silvina Pereira | Vasco Rosa

## PARCERIAS



## APOIOS



Esta edição segue para 100 Bibliotecas Municipais com o apoio do Banco BIC



Nassaete Miranda  
directora

# Entre Sentidos

*"Não há factos, só há interpretações"*  
Nietsche

Felicidade. Quero falar de felicidade, de luz, de sol, de sonho e de utopias.

Esforço-me para dar espaço ao azul e ao verde, ao pensamento e ao vento suave no rosto enquanto caminho na marginal da Foz, e tento descobrir o nosso amigo Miguel à varanda de sua casa poisando o olhar nesse mar onde moram as suas "raízes" e as ondas sussurram versos de Vasco Graça Moura, de Eugénio e de Sophia.

Quero, faço um esforço enorme, tento várias vezes isolar a alma, os ouvidos e os olhos, mas infelizmente está a ser muito difícil encontrar os minutos de silêncio que me permitam respirar o ar puro da paz e da tranquilidade.

Assim, e com um pedido de desculpas às musas, terei de, mais uma vez, trazer a estas linhas o meu descontentamento pelo desempenho de agentes políticos que se estão "nas tintas" (o plebeísmo é propositado) para o País, para o interesse público, para os portugueses, todos nós, que lhes pagamos os salários.

Desiludida? Não estou porque há anos que não tenho ilusões em matéria de grande parte dos protagonistas e candidatos a protagonismo político no nosso País. São quase sempre os mesmos, já os conhecemos... e, claro, basta estar atento, ler nas entrelinhas e aprofundar de onde vêm para perceber para onde querem ir e onde querem chegar. Ao poder. Todos querem o poder. Com ou sem preparação, com ou

sem legitimidade, o poder é a meta e em nome dele vale tudo! A ambição cega o bom senso e remete para um amanhã incerto os verdadeiros interesses de Portugal e dos portugueses. Falta humildade e sentido de responsabilidade. Falta respeito pelos números resultantes das eleições de 4 de Outubro. É lamentável ter mais uma vez razão e constatar como a memória é curta, como os "inimigos" de há três semanas se juntam hoje dando o dito pelo não dito. No meio de toda esta "vil tristeza" há algo positivo: a "esquerda velha", como lhe chama um amigo, e seus e respectivos filhotes, finalmente mostram as suas verdadeiras intenções: todos querem o poder! Todos querem mandar e todos dizem sem pudor estar preparados para governar. Será que o ilusionismo das suas palavras esconde poções mágicas que vão resolver os graves problemas do País e os seus compromissos externos?

Não acredito. Mas uma coisa é certa: Portugal vai continuar adiado e novas eleições legislativas pairam no horizonte próximo. Convoco Voltaire: "Meu Deus, tornai ridículos os nossos inimigos".

De 4 a 8 de Novembro, a Felicidade encherá o coração do Porto. Vamos ser felizes por umas horas.

A todos boas leituras em artes feitas!

## NOTA

O jornal As Artes entre As Letras, que ainda não adoptou o novo Acordo Ortográfico, publica textos de colaboradores que o aplicam, respeitando, assim, o original.

## ENTRENÓS

### Almoço de amigos do pintor Armando Alves

No dia 8 de Novembro, haverá um jantar de amigos do pintor Armando Alves. "Inventor de Céus e Planícies" para comemorar o seu octogésimo aniversário, louvar as suas artes e a sua "grande, imensa fidelidade" ao Alentejo, ao Porto e a Matosinhos. O encontro terá lugar no restaurante da Fundação Associação Empresarial do Porto (no Porto), às 12h30. A todos os participantes - que terão de se inscrever previamente até 5 de Novembro

(222076010, Diana Pinheiro) - será oferecida uma edição sobre o pintor e homenageado, com dedicatória. A sessão - organizada pela Cooperativa Árvore e Editora Modo de Ler - contará com a intervenção de Amândio Secca, José Carlos Cruz Santos, Laura Castro e o ex-Presidente da República Ramalho Eanes. Haverá ainda um momento musical e o actor António Durães lerá textos dedicados a Armando Alves, ao Alentejo e ao Porto.

PARA ASSINAR ONLINE: WWW.ARTESENTREASLETRAS.COM.PT

À venda, para além dos locais habituais:

Poetria, Vivacidade, Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes, Museu Nacional Soares dos Reis



**Guilherme  
d'Oliveira Martins**  
presidente do CNC

## Islão e Ocidente – Que Diálogo?

«**O** Islão e o Ocidente - A Grande Discórdia» de Jaime Nogueira Pinto (D. Quixote, 2015) é uma obra necessária e de grande oportunidade, que faz uma análise histórica e um enquadramento dos acontecimentos atuais com grande rigor e pormenor, que permitem uma compreensão informada do momento.

A capa do livro reproduz os Quatro Cavaleiros do Apocalipse, de Mathias Gerung (1532), dando o tom geral não apenas das ameaças vividas em todos os tempos (representadas pelo turco), mas também da necessidade de uma compreensão mútua ditada pelos desígnios fundamentais de uma Humanidade criada à semelhança de uma Providência una. Longe de simplificações, o autor procede a uma criteriosa descrição dos diversos fatores que é preciso considerar quando falamos do complexo diálogo entre o Islão e o Ocidente. E se referimos a complexidade, não podemos esquecer diversos momentos desse diálogo, que oscilam entre uma rica complementaridade e a agudização de uma violenta conflitualidade. No fundo, ao estudarmos a realidade, chegamos à conclusão de que não deve haver fatalismo sobre a impossibilidade de caminhos de convergência, num sentido do desenvolvimento humano. As dificuldades não devem ser iludidas, o conhecimento mútuo tem de ser exigente, uma cultura de paz e de dignidade deve ser partilhada - para o que há passos muito seguros a dar no sentido de compreensão das diferenças e de reconhecimento da liberdade de consciência. «Se quisermos evitar a catástrofe do confronto e da Guerra de Civilizações, o único caminho é tentar conhecer e compreender, com realismo, astúcia, paciência e humildade, a nossa própria história, cabeça e sensibilidade do outro e dos outros, sem amálgamas nem preconceitos, agindo com firmeza mas respeitando a importância e a presença da transcendência e do sagrado e evitando a imposição dialética de dogmas ou descrenças».

Ahmed Abbadi, presidente da Liga dos Ulemas de Marrocos, põe o dedo na ferida: «É tempo de pôr em marcha um movimento de equidade e reconciliação inter-civilizacional para que possamos sarar as feridas do passado - que são recíprocas e que se vão sedimentando nos nossos subconscientes. Temos de fazer esse exorcismo, essa reconciliação; sair da tensão em que hoje vivemos e voltar à interdependência e ao reconhecimento mútuo». O Estado Islâmico (ISIS, Islamic State of Irak and Syria) e o chamado Califado, construídos com a invocação

sunita do Islão histórico e com o apoio de populações descontentes, sob o comando de um tal Abu Bakr al-Baghdadi, dominaram na Primavera de 2014 cerca de 100 mil quilómetros quadrados numa zona de grande instabilidade política, alardeando um clima de terror, de morte e de destruição. Para se compreender a raiz dos conflitos no seio dos Islão, entre sunismo e xiismo, temos de ir à morte do Profeta Maomé, em 632, e à sua sucessão. Sucedeu-lhe um companheiro próximo, Abu Bakr, cujo califado apenas durou dois anos, a este sucedeu Omar, outro companheiro do profeta, que nos dez anos de califado conquistou a Síria, a Palestina, o Egipto e a Mesopotâmia. Com a morte de Omar, um conselho de seis membros escolheu Osman do clã dos Omíadas de Meca. Entretanto, Ali, primo, companheiro e genro de Maomé, casado com a filha Fátima, apesar de ter votado em Osman, não gosta da escolha de um membro da comunidade que perseguira Maomé e resistira ao Islão. Osman viria a ser morto na sequência da disputa do poder e Ali foi aclamado como califa em junho de 656, o que abriu um conflito que chega até hoje. Os Omíadas da Síria comandados por Muawia consideraram que Ali era responsável pela morte de Osman e em 661 Ali seria assassinado em Kufa, nas margens do Eufrates, na sequência do que Muawia far-se-ia aclamar Califa em Jerusalém. Lançou-se então na perseguição dos descendentes de Ali. Hassan, o neto primogénito do profeta, renunciaria ao Califado e Hussein, o outro neto de Maomé, tentou resistir sem sucesso, tendo sido decapitado em Karbala e enterrado em Damasco.

Símbolo do xiismo, Hussein tornou-se exemplo de um inglório martírio, arrastando os seus apoiantes («Penitentes») para a culpa de não terem permitido a sua vitória. Até ao século IX (d. C.) os descendentes de Hussein sucederão na liderança dos xiitas, enquanto os califas Omíadas alargarão as conquistas de um modo impressionante e rápido: depois de saírem das fronteiras da Arábia, em 633, tomaram Damasco em três anos; Jerusalém em cinco; a Síria, Palestina e Egipto em oito; em 20, todo o Império Persa até ao Oxus; e em 30, o Afeganistão e a maior parte do Punjab... Foram feitas tentativas em Constantinopla, sem sucesso, e Cartago apenas cairia em 693, sendo fácil o avanço daí até ao Atlântico. Em 711, aproveitando a crise dinástica visigótica, Tariq ibn Zaid iniciaria a conquista da Península Ibérica. O motivo da velocidade da marcha muçulmana tem a ver não só com a cavalaria muito rápida mas também com a tolerância dos con-

quistadores para com as populações cristãs e judaicas. Após o domínio Omíada, sucede o tempo dos Abássidas (século VIII) que corresponde a um período áureo no Islão, no tempo de Harun al-Rashid, o califa das «Mil e uma Noites». No século XI os turcos seljúcidas conquistam Bagdad e derrubam os Abássidas. Alexandria, Antioquia e Jerusalém ficam em poder do Islão - apenas escapam Constantinopla e Roma... A História é conhecida, as Cruzadas não permitem aos reinos cristãos impor-se, Frederico II de Hohenstaufen na quinta cruzada aceita que os muçulmanos controlem os lugares santos e salvaguarda o acesso pelos cristãos a Nazaré e Belém, pelo que é excomungado pelo Papa...

Os principais espaços de confronto do Islão com a Cristandade foram, sobretudo depois da conquista de Constantinopla (1453), o Mediterrâneo Oriental e os Balcãs. E até ao século XIX os corsários muçulmanos mantiveram-se ativos a partir de Túnis e Argel, enquanto os portugueses, no Império do Índico (por exemplo com Albuquerque) sustentaram até tarde a antiga tensão político-religiosa. Em momentos como o da Batalha de Lepanto (1571) os monarcas cristãos uniram-se contra a «Sublime Porta» (símbolo do Palácio do Grão-Vizir em Istambul), mas houve inúmeras oscilações, até ao fim dos grandes impérios e à eclosão das guerras mundiais do século XX. Lawrence da Arábia foi símbolo de uma estratégia ambígua de «Entente Imperial» e de recolonização, depois há o nacionalismo árabe, os novos tempos do Islão do fim do século XX, as tempestades no deserto, o grande ataque, a guerra de sombras, as Primaveras Árabes e as grandes incertezas atuais... Todos sabemos que não é fácil encontrar saídas pacíficas, uma vez que, a cada passo, encontramos a emergência de dogmatismos de negação, que mais não conseguem do que acirrar o radicalismo e a irracionalidade. No entanto, nesse sentido, o Papa Francisco (como os seus antecessores) tem-se dado conta do alto risco do momento, apelando ao diálogo entre as religiões abraâmicas, o que obriga a humildade, paciência e boa vontade. Há, pois, um longo caminho a percorrer, perante o carácter explosivo da situação política no Mediterrâneo Oriental - de que o problema dos refugiados é uma consequência.

### NOTA

Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura



**Luís Cabral**  
bibliotecário, arquivista

## Centenário da morte de Ramalho Ortigão

AS ARTES ENTRE AS LETRAS evocam hoje o centenário da morte de José Duarte Ramalho Ortigão (1836-1915), escritor e jornalista que magistralmente pintou o Porto, e também os 150 anos da abertura do Palácio de Cristal e da Exposição Internacional do Porto de 1865, momento de grande projeção do Comércio, da Indústria e da Cultura.

# Lembrar Ramalho Ortigão, recordar o Palácio de Cristal

“Víamos a ridente colina de Vilar, coberta de verdura e coroada pelo Palácio de Cristal...”

**B**om é lembrar Ramalho Ortigão, um pouco da sua e nossa cidade, por entre as sombras destes jardins desenhados por Émile David.

É a memória mítica e sedutora do Palácio de Cristal, 150 anos passados sobre a sua abertura com a Exposição Internacional do Porto. No dia 18 de setembro de 1865 aqui estiveram D. Luís e D. Maria Pia a inaugurar, com a pompa que o acontecimento requeria, o edifício que o arquiteto Thomas Dillen Jones projetara.

Inspirado até certo ponto no Crystal Palace, de Londres, era sinal de um esforço ou ambição que transcendia a escala de uma cidade cada vez mais voltada para o comércio e para a indústria, numa palavra, para o progresso. “Progredior” (avançar, progredir, ir em frente) – lia-se na fachada principal do Palácio.

Ainda hoje percorremos os trilhos que nos conduzem a vistas únicas sobre o Rio e a Cidade, aqui à Capela votiva de Carlos Alberto, por ali mesmo à Quinta da Macieirinha...

Jardins e recantos, estátuas e fontes, luz e sombras... o correr das brisas, sons dos pássaros, crianças a brincar calcando as folhas secas das árvores... às vezes as neblinas que a tudo dão aqueles tons de aguarela. E nós vamos ao acaso passeando por entre tílias, deixamo-nos ficar sentados a ler ou então, como o poeta enamorado, escrevemos palavras para sempre sobre uma folha de plátano...

Breve, já no inverno-primavera, irão abrir por todo o jardim-bosque, em exóticas cores e formas, belíssimas camélias, pontuando este espaço. Ao Porto chamou-lhe Ramalho Ortigão a “Cidade das Camélias”.

Nos jardins do Palácio há um espaço de privilégio para a leitura, a Biblioteca que leva o nome de outro escritor do Porto, Almeida Garrett. Leitura que hoje se evoca através de uma bela gravura romântica: um trabalho de António Nogueira de Sousa Júnior (1854-1921). Todo o ambiente nos faz lembrar que a leitura das “Viagens na Minha Terra” foi para Ramalho Ortigão como que o seu berço literário, onde ele aprendeu a aprender a amar a Língua Portuguesa:



Ramalho Ortigão, desenho de Francisco da Silva Gouveia (1872 - 1951)

“... não lhe falo como escritor, não lhe direi que o primeiro artigo que escrevi o escrevi no dia em que morreu Garrett, para agradecer à sua memória a impressão que na convalescência de uma febre escarlatina me deixou a leitura das *Viagens na Minha Terra*, gerando a psicose da minha puberdade e decidindo do destino artístico de toda a minha vida”.

Carta a Alberto de Oliveira

É ainda o Palácio de Cristal enquanto lugar privilegiado de Cultura. Não era só o passeio público ao tempo mais em voga, mas o



palco das exposições grandes e outras. Sítio eleito para concertos, peças de teatro, conferências, festas, quermesses, era mesmo um lugar de ler, com o seu gabinete de leitura, tão ao gosto oitocentista.

“Turista em viagem na sua própria terra”, palavras dele, Ramalho Ortigão dá corpo a um sentido peculiar de espaço e tempo, passeia um olhar de artista e de crítico pela cidade, olha e vê, talvez melhor do que ninguém, a beleza de um lugar com uma personalidade tão própria como este Porto muito dele. Aqui nascera e lera os primeiros livros, aqui crescera e aprendera, aqui começara, afinal, a escrever.

### NOTA

Adaptação de um texto produzido para a exposição «Ramalho Ortigão: literatura de ontem para hoje», Biblioteca Municipal Almeida Garrett, Feira do Livro



**Marta Pais de Oliveira**  
Gestora de marca:  
umumbigowordpress.com

## Centenário da morte de Ramalho Ortigão

# No tempo dos duelos ainda não cresciam estes plátanos

**P**ara ver a altura das árvores é preciso atirar a cabeça para trás. As copas largas formam um céu verde que enquadra o caminho. Estaria este vento há 149 anos? As folhas voam a velocidade impressionante. É outono e essa é a ordem natural das coisas e das estações. Por isso há ouriços no chão e ramos grandes que se partiram dos plátanos, tentemos não tropeçar neles.

Os bancos são vermelhos no Jardim de Arca d'Água, no centro da Praça de 9 de abril. Aqui encontram-se três nascentes que formam o manancial de Paranhos e abasteceram as fontes e os chafarizes até aos finais do século XIX.

Caminho neste espaço aberto do Porto com prédios e casas a toda a volta. Uma pomba segue à minha frente, parece querer indicar-me o caminho. Para a direita a VCI, para a esquerda o centro ou poderemos ignorar a placa e continuar na praça, por aí vamos. Tropecei num galho maior. Poderia ter tropeçado na raiz que rasgou com ousadia o cimento, mais discreta, mas tropecei num galho tão grande quanto visível. Distrai-me a olhar a cabine telefónica abandonada com os cabos elétricos à mostra como órgãos que já não são vitais.

Lembro-me que há 149 anos correu aqui algum sangue.

Mas mais à frente há o coreto muito bonito de madeira e é urgente vê-lo melhor. Dentro, alguém escreveu "liga ao coração dela".

Um homem vê a corrida furiosa das folhas, seduzem-no rodopiando em círculos dançantes. E ali está o homem que liga a alguém e olha a estrada com expectativa, esperando a chegada.

Depois há o rapaz apressado que leva um saco de compras. E também a senhora que fuma sentada com uma vista privilegiada para o lago. Está pensativa como todos os que fumam em bancos de jardim e esperam sentados debaixo de árvores grandes.

Com alguns minutos de observação sabemos que quem mais anda por entre as magnólias e os cedros são pessoas que passeiam cães, ou cães que passeiam pessoas, não sabemos bem qual é afinal o papel de cada um.

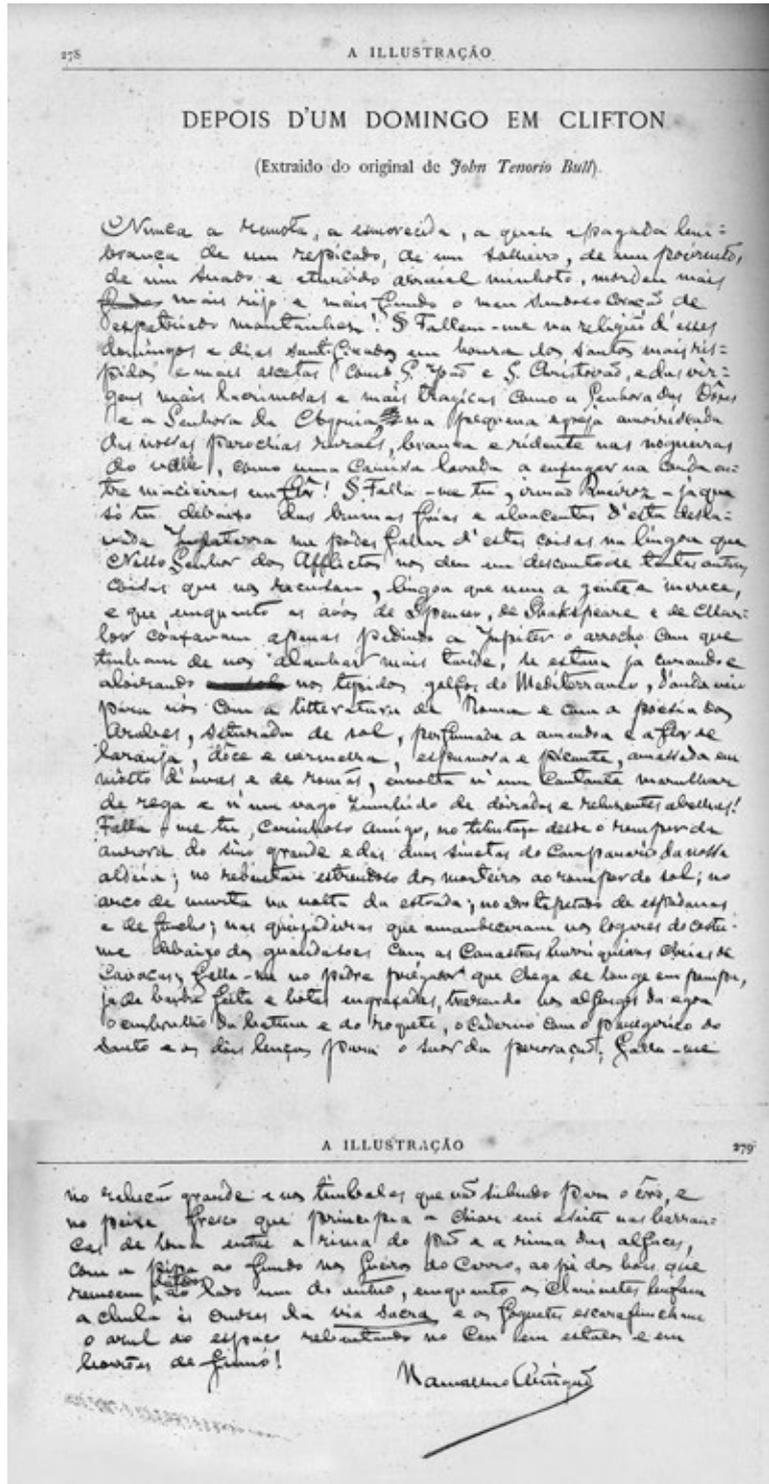
Passa um carro de coleção e parece estarmos noutra época. Alguém saberá se estaria este vento? Os candeeiros são antigos e não dizem quantas pessoas já iluminaram. As pessoas não fazem barulho, vejo-as como num filme mudo num dia descolorido. Só se ouve o vento, carros e uma sirene insistente que grita emergência.

Olho o interior escuro do Centro de Convívio "Gruta de Arca d'Água", fechado. Quem vem aqui saberá da questão coimbrã?

A 4 de fevereiro de 1866 este jardim ainda não existia, só em 1928 foi inaugurado como jardim público. Em 1866 era um descampado onde se defendeu a honra de espada em riste. Travaram duelo os escritores Antero de Quental e Ramalho Ortigão. É curioso lembrar o motivo: Antero de Quental havia contestado o desdém de Castilho sobre a nova geração de poetas e desencadeia-se uma das mais famosas polémicas literárias portuguesas. Ramalho Ortigão defende Castilho com o folheto A Literatura de Hoje e acusa Antero de cobardia porque usara argumentos como a velhice e a cegueira do poeta.

O duelo era inevitável. Logo no primeiro assalto, Antero golpeia Ramalho num braço. A luta termina e os dois escritores reconciliam-se. O tempo hoje está cada vez mais abafado, transpirariam no duelo?

Quem saberá quanto mais vão crescer estas árvores, quanto mais vai envelhecer a madeira vermelha, quantas mais lutas ou reconciliações haverá aqui. Já não encontro o homem que apostava na corrida das folhas. O homem do telemóvel ainda espera olhando a rua. Começou a chover agora mesmo que alguém se sentou num banco com um livro aberto.



in A Ilustração, 2.º ano, vol. II, n.º 18, Paris, 20 de Setembro de 1885, p. 278-279

## Centenário da morte de Ramalho Ortigão

### As Farsas IX



Por J. d'Eça  
e J. Ortigão

"Voltaire tinha uma prece fervorosa, que as Farpas não cessam de elevar aos céus em todas as manhãs e em todas as tardes: Meu Deus, tornai ridículos os nossos inimigos!"  
(AS FARPAS)

### «Coerência e actualidade de Ramalho Ortigão» em conferência

Ramalho Ortigão morreu há cem anos, no dia 27 de Setembro de 1915... Um pouco por todo o país e por vários organismos e entidades, a efeméride tem vindo a ser assinalada, nomeadamente pelo jornal As Artes entre As Letras, que desde Janeiro tem dedicado uma página por mês ao escritor. Guilherme d'Oliveira Martins escreveu naquele que é o seu espaço em cada edição, A vida dos livros, sobre «Ramalho Ortigão - Lembrança do Porto». "A realização do Dia de Ramalho Ortigão [a 8 de Fevereiro], graças à parceria entre o Centro Nacional de Cultura e o Centro Cultural de Belém, constituiu uma oportunidade para recordarmos a cultura do século XIX. José Duarte Ramalho Ortigão (1836-1915) é uma das figuras mais inesperadas no grupo intelectual que pontuou em Portugal no final do século XIX. Antes do mais, não pertence à chamada geração de 1870, até por motivo de idade, mas também por formação ideológica".

O Porto, sua cidade natal, tem vindo a assinalar de várias maneiras o centenário da sua morte. Não só no Porto, mas principalmente aí. E é nesse âmbito que estão programadas quatro conferências a realizar na cidade por iniciativa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, da Câmara Municipal do Porto, da Fundação Eng. António de Almeida e da Irmandade da Lapa. A 1.ª é amanhã, 29 de Outubro, na Fundação Eng. António de Almeida. José Carlos Seabra Pereira (FLUC) falará sobre «Coerência e actualidade de Ramalho Ortigão». A seguir à confe-

E Deus fez-nos quotidianamente a vontade. Já nem os "amigos" escapam. Amigos, amigos, ridículo à parte... A inflação do ridículo ameaça no entanto desvalorizá-lo: à medida de 33%, acabará por tornar-se fácil comparar inimigos. Porque os amigos, esses, são ao desbarato.

A frase de Voltaire deveria ser invertida, segundo os especialistas da deflaccão: meu Deus, tornai-nos ridículos perante os nossos amigos. Talvez assim se salvasse a face e alguns (ir)responsáveis.

Ao fim de 20 farsas nos cachaços, estamos hoje como no início: ninguém enfia o ridículo. Este supremo mistério, que une numa convergência notável o Governo e as oposições, só pode ter duas causas: ou os nossos precisos ridículos são tão suficientes que recusam a crítica, ou tão incapazes que não se reconhecem no espelho que semanalmente lhes oferecemos.

De facto, o país vai bem, muito obrigado. Mesmo muito bem, diz o Governo. Quanto pior melhor, dizem as oposições. Tinha razão Voltaire com o seu cândido Pangloss. O desemprego aumenta? A leidos despedimentos lá está para criar empregos, segundo se diz. O nível (perdão, o custo) de vida sobe? Lá estão os emigrantes para pagar a conta. A dívida externa duplica? Lá está o próximo empréstimo para a quadruplicar. As empresas nacionalizadas dão Prejuízo? Lá estão as empresas privadas para o custear. Estas são traídas? Lá estão as públicas para as expandir.

Numa palavra: a lei da concertação universal é uma especialidade portuguesa. Nem a rir se consegue ter inimigos...

Entretanto, depois da remodelação, do reajustamento, da substituição e do refresco do Governo, fala-se (lá para o outono) na "arrumação". Quem arruma quem? Na época das "folhas caídas", não admira que a varredela das ditas exija umas vasouradas.

Rirá melhor quem varrer no fim, mas será sempre melancólico ver a convergência das folhas apodrecidas. Tanta "flor sem fruto"! Tanto fruto bichento! Tanto bicho infecundo! Nem a Junta Nacional das Frutas, em programa esforçado, consegue escoar a bicharia.

Para quando as Últimas Farsas, perguntam-nos repetidamente os leitores? Nós respondemos com outra pergunta: para quando os últimos farsantes? Pesada herança esta! Inimigos nossos, que estais no poder ou na oposição, bendito seja o vosso crisma e venha a nós o vosso ridículo. Sem ele, ficaremos desempregados e mal dispostos! Acabar-se-ão as longas noites de alegria em frente aos jornais ou ao pequeno écran, comendo estatísticas artificiais de ovos moles, leite em pó, frangos de aviário e discursos pré-eleitorais.

Hoje não estamos para farsas. Só à farpa! É farpar, vilanagem!

«[...] a escola é mais do que uma instituição de aperfeiçoamento e de ensino, é uma reabilitação do homem, é uma renovação do carácter e da inteligência, é o maior dos benefícios que se pode prestar à sociedade».

**Ramalho Ortigão,**  
**Pela Terra Alheia, vol. 2, p. 91**

«Para que uma boa leitura nos esclareça e nos fecunde, a condição indispensável é prestar-lhe atenção. Ora a atenção é um acto da vontade intervindo nas funções mentais. Ter vontade de tomar sentido e ter vontade de comer, são dois factos correlativos. A primeira coisa, para começar, é não ter fastio».

**Ramalho Ortigão,**  
**do Prólogo à trad.**  
**Higiene da Alma, p. XIV-XV**

rência, será feita a apresentação da edição fac-símile do livro «O Porto na Obra de Ramalho Ortigão», da autoria de Maria Helena da Rocha Pereira. Será ainda inaugurada uma exposição biblio-iconográfica, principalmente constituída por primeiras edições das obras de Ramalho Ortigão, algumas bastante raras (mesas-expositor); publicações em que Ramalho Ortigão colaborou (revistas, almanaques, obras colectivas); traduções feitas por Ramalho Ortigão; bibliografia passiva; reprodução de retratos/desenhos/gravuras de Ramalho Ortigão; cronologia da vida e obra de Ramalho Ortigão (em painel); citações de Ramalho Ortigão, extraídas da sua obra (em painel); e citações de carácter crítico de outros autores sobre Ramalho Ortigão (em painel). A mostra fica aberta ao público até 6 de Novembro, no átrio do auditório da FEAA.

A segunda conferência - «O Brasil e a imigração sobre o olhar de ramalho Ortigão» - será proferida por Jorge Fernandes Alves (FLUP) no auditório da Biblioteca Pública Municipal do Porto. A 10 de Dezembro, será a vez de a Irmandade da Lapa acolher a sessão sob o tema «Povo e 'Povo Republicano' em Ramalho Ortigão», por Pedro Tavares (FLUP). Na quarta (e última) conferência, Isabel Pires de Lima (FLUP) abordará «A 'Ramalhal' figura: o Ramalho de Eça», no anfiteatro nobre da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Todas as conferências têm início às 18 horas.



**Fundação Eng. António de Almeida**

**COMEMORAÇÃO DO PRIMEIRO  
CENTENÁRIO DA MORTE  
DE RAMALHO ORTIGÃO**

**29 | outubro | 2015**



**Programa:**

**18h - Conferência pelo Prof. Doutor José Carlos Seabra Pereira: "Coerência e atualidade de Ramalho Ortigão".**

**19h - Apresentação da edição fac-símile do livro da Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Helena da Rocha Pereira – O Porto na Obra de Ramalho Ortigão.**

[Na mesma data, inaugura-se no átrio do Auditório da Fundação uma mostra biblio-iconográfica dedicada a Ramalho Ortigão, que fica aberta ao público até ao dia 6 de novembro.]

**FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA**  
RUA TENENTE VALADIM, 325 – PORTO | TELEF. 22 606 74 18



**Ramiro Teixeira**  
crítico literário

## Retrato de Rapaz

Neste título de Mário Cláudio ficamos seguros da paixão que o escritor nutre pela Itália, nomeadamente por Florença, país e cidade por onde tem cirandado a miúde, e pela cultura do Renascimento, bastando para tanto recordar alguns outros títulos seus, particularmente “Os Sonetos Italianos de Tiago Veiga”, pseudónimo laboriosamente recriado e nunca assumido por Mário Cláudio, não obstante a excelência dos poemas, e que, a meu ver, traduzem uma espécie de incursão à raiz do ser intelectual do escritor e onde a sentimentalidade portuguesa se alia à musicalidade italiana de quinhentos e ao fascínio da cultura greco-romana, a que também não é alheia a presença duma visão romântica subjugada à cultura anglo-saxónica.

Tais elementos se renovam neste título, ainda que sob os acordes de uma espécie de música de fundo, que se apresenta como uma biografia romanceada de Leonardo da Vinci, apesar de tal não constituir, em rigor, o verdadeiro motivo desta descrição.

Enquanto biografia, Mário Cláudio não só dá detalhe das deambulações de Leonardo pela Itália e França, a par das suas experiências inovadoras, estudos, projectos e demais obras inacabadas, assim como alguma relação das suas fantasias e ideias divertidas para entreter o vulgo, bem como a relação que teve com as grandes figuras do seu tempo e os discípulos de que se rodeou.

Ora é sobre estes últimos, particularmente sobre Gian Giacomo Caprotti e Francesco Melzi, que são em rigor as personagens principais desta história e biografia do Mestre, que Mário Cláudio se debruça, procurando recriar a relação sentimental que entre eles se estabeleceu, as mais das vezes caracterizadas por singulares atitudes de subtil sedução, deixando pairar a possibilidade de práticas homossexuais afins à dita relação sentimental.

Tal apontamento não é de todo espúrio à vera biografia de Leonardo, desde logo por existir o registo num tribunal florentino que atribuiu a Leonardo a prática de sodomia com um prostituto masculino, apesar de vir a ser ilibado por falta de provas.

Florença, à época, tal como em Veneza, tinha um local público para toda a sorte de denúncias, calúnias e traições. Em Abril de 1476 nele se depôs uma queixa contra um jovem de 17 anos, dado como prostituto em actos que envolviam quatro florentinos, sendo um deles Leonardo!

No prosseguimento desta denúncia foi o inquérito suspenso, tendo por final, passados dois meses, a absolvição dos acusados por falta de provas, não obstante dois dos inculpados serem sobejamente conhecidos como profissionais de tais práticas.

A suspeita, todavia, não se fica por aqui, pois segundo a biografia que Michael White traçou de Leonar-

do, este manteve sempre relações amorosas com rapazes, particularmente com estes dois seus discípulos, a par de um Dominico, de um falcoeiro de seu nome Bernardo de Simone e de um certo Tommaso.

É o primeiro descrito por Giorgio Vasari<sup>1</sup> como um bonito rapaz de cabelo ondulado, o qual, penso eu, é reproduzido na capa segundo um desenho de Leonardo, que na recriação de Mário Cláudio dá a bela cabeleira do moço como uma espécie de *fetich* do mestre.

Entregue pelo pai do moço, então com apenas dez anos, a Leonardo, era já este um modelar delinquente, ladrão, mentiroso, teimoso e arruaceiro. E a tal ponto manteve estas características na vivência com o mestre que este breve o apelidou de Salai, em significado de diabrete, mantendo-o ao seu serviço durante cerca de trinta anos.

Quanto ao segundo, Melzi, filho de um aristocrata de Milão, foi porventura o mais fiel companheiro de Leonardo e o que mais de perto o assistiu na velhice e no seu leito de morte, cuidando da preservação do seu espólio com vista à sua divulgação, que recebeu por testamento, e funcionando como uma espécie de secretário do mestre.

Da natureza eventual de outras intimidades ficou o registo de Melzi numa carta dando a sua ligação com o mestre da seguinte maneira: *A sua morte causou-me uma dor que me parece impossível exprimir, e enquanto os meus membros juntos estiverem, eu terei um eterno desgosto, e com inteira razão, porque ele me dava diariamente um amor apaixonado e ardente.*

Não sei se nos dias de hoje ainda haverá alguém incomodado com matéria desta natureza. Em todo o caso bom será recordar que a sexualidade no Mundo Antigo desconhecia toda a sorte de impedimentos para se manifestar: a prostituição de ambos os sexos era legal e pública, e a pederastia ou a pedofilia eram igualmente toleradas, ainda que em privado, entre o senhor e o seu escravo ou servo, tal como o adultério.

Com a Idade Média e a supremacia da Igreja sobre os povos, o corpo passa a ser considerado um habitáculo da alma, condenado ao sacrifício da redenção e fonte de tentações. Nesta perspectiva, o corpo era considerado pecaminoso e cobri-lo para além das necessidades climatéricas era uma questão moral e religiosa, sendo considerado herético quem assim não procedesse. Por sua vez a Beleza nada tinha a ver com o corpo, sendo entendida como ciência, saber, grandeza de alma, inspiradora do desprezo pelas coisas terrenas.

A vida sexual, por exemplo, só era admitida pela condição do casamento e mesmo assim nunca confinada à nudez e sempre na escuridão. A exaltação do ser, homem ou mulher, media-se pelo estado de



pureza, de virgindade, em razão da qual se atribuiu à mãe de Cristo o estatuto de Virgem e se impõe aos religiosos o celibato.

É claro que estes preceitos valiam pouco entre os poderosos, mas também entre os goliardos estudantes. Desde logo a nobreza que tinha o direito da *pernada* na primeira noite das servas casadas e que violentava as mulheres dos inimigos vencidos, tal como ocorria em muitos dos eclesiásticos superiores que, na privacidade dos seus mosteiros, viviam uma existência luxuriosa, como por exemplo Arquibaldo, bispo de Sens, em França, que criou um harém na abadia de S. Paulo, no século X, para seu desfrute!

O Renascimento ao redescobrir o Mundo Antigo, menos de que o copiar teve em vista explicá-lo, fazendo sobressair o primado do Homem sobre a restante criação, não já através dos grandes feitos e da mitologia de que era serventuário, mas pela exaltação do seu intelecto e da beleza do seu corpo, símbolo de uma harmonia que veio inclusive a integrar-se no pensamento religioso, ainda que de forma breve.



Desta forma a mulher, antes ligada ao pecado, reaparece seminua na pintura de Botticelli, “O Nascimento de Vénus” (1485). Mas é particularmente na representação estética do masculino que os artistas de então passam a retratar a figura humana na sua nudez integral e em plena pujança física, como bem o demonstram as estátuas de David, de Donatello (1430) e de Miguel Ângelo (1501) ou de Baco Ébrio (1496), igualmente de Miguel Ângelo, sem esquecer a recreação de Adão na Capela Sistina (1512).

Nestas e noutras representações obviamente que andava associada a atracção erótica e a sexualidade, tendo em conta não só o *modus vivendi* da sociedade da época, bastando recordar que os humanistas da escola platónica tinham o culto da beleza preferencialmente na juventude dos efebos, pelo menos até ao aparecimento do frade Savonarola que impõe no social um puritanismo moralizante levado às últimas consequências.

Teve Leonardo uma vida sentimental? Freud diz-nos que não. Certo é, todavia, não ser conhecida ne-

nhuma paixão amorosa feminina e tão-pouco de mulher alguma o acompanhar nas suas deambulações, que foram muitas, nas quais teve sempre por companhia discípulos escolhidos, nomeadamente Salai e Melzi, apesar das suas qualidades artísticas deixarem muito a desejar.

Sobre o primeiro teve Leonardo o privilégio de o ver a florescer fisicamente desde que o recebeu, vestindo-o e calçando-o a preceito para melhor realçar a sua beleza, que o próprio desbaratava em desmandos de toda a espécie, com homens, mulheres, meninos e meninas, mal suportando as suas estroinices em vestuário, gastos enormes, roubos e mentiras, mas tudo perdoando em função da sua juventude e graça corporal. Aparentemente afigura-se-me que Leonardo acertou contas com Salai no seu testamento, deixando-lhe apenas parte de uma propriedade que teve de dividir com Villanis, um outro seu discípulo.

Quanto a Melzi, gentil-homem de Milão, com quem se não trocou ternuras, pelo menos tal exaltantes quanto as eventuais proporcionadas por Salai, tinha-o Leonardo como merecedor de confiança total, em razão da qual o deu simultaneamente como executor testamentário, herdeiro espiritual e material.

Leonardo, filho bastardo de um notário, nunca conheceu a mãe, camponesa que viria a casar com um da sua igualna, pese embora o facto de ter tido uma governante com o seu nome e que alguns, inclusive Mário Cláudio, querem atribuir um reencontro tardio de mãe e filho, é um homem aparentemente cheio de pudor, que não bebe, que come sobriamente e que pouco a pouco se torna vegetariano e que de forma alguma emparceira com os bons burgueses florentinos que contam anedotas porcas e cantam canções luxuriosas em plena praça pública. Assim sendo, fica por esclarecer a autoria do conjunto de desenhos eróticos que parecem ter por modelo Salai e particularmente a variante humorística de São João Baptista, de Leonardo, em que o dedo erguido é o médio e não o indicador, e por baixo do manto se vislumbra um pénis erecto!

Seja porém como for, Leonardo, como platónico que foi, atribuíra ao ser uma trilogia muito especial: o sujeito que ama, o objecto amado e o amor que os une sob o paradigma da Beleza. Daí os seus retratos caracterizados por um sorriso enigmático, que jamais saberemos se expressavam ironia cínica, se somente tolerância descrente na sua captação, se finalmente o sentido dúbio da própria existência e do sexo retratado (androgenia), a par do significado de um outro pormenor contumaz, que é o dedo em riste, apontando ou indicando algo indefinido, patente em “A Virgem dos Rochedos”, “A Última Ceia”, “Baco”, “São João Baptista”, etc.

No mais era um homem de rigor, um observador nato da natureza, do homem, dos animais, do cosmos, obcecado pela organização e pela experimentação. Tal como os nossos navegantes quinhentistas que consideravam a experiência como a *madre das coisas*, assim a teve ele como prática fundamental para alcançar o saber.

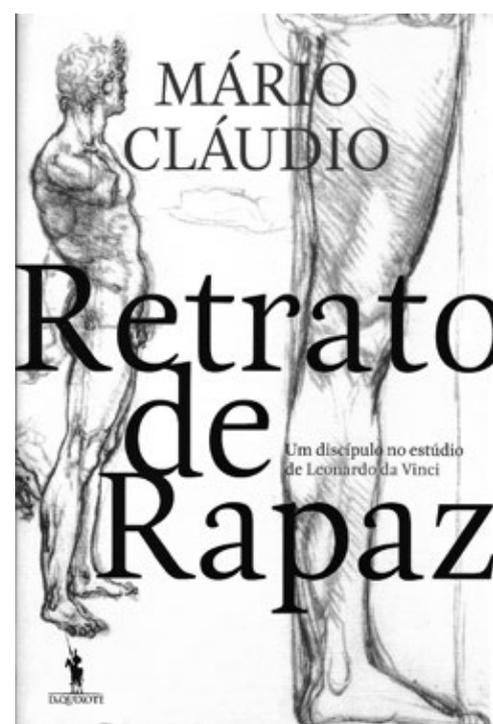
Mário Cláudio recria a existência destas três entidades, enredando-se nas suas naturais posturas, isto é, no emaranhado dos seus sentimentos e na reconstrução do sentido histórico e intelectual que lhes coube, atento ao rumor do vento e das vozes que por eles trespassam, enfim, ao jogo especular que as coisas mortas estabelecem com as coisas vivas.

Em tal relato, apesar da sugestão do relacionamento homossexual entre Leonardo e Salai, a verdade é que tal sugestão nunca é realisticamente abordada, mais parecendo abordar a singularidade do amante platónico com a coisa amada, em simultâneo com a protecção amorosa que um pai dá a um filho ou a que o mestre concede ao discípulo.

E daqui que me atreva a acrescentar que Mário Cláudio, nesta novela, recriou o sentido dúbio do sorriso de Gioconda, deixando a cada leitor a interpretação da narrativa.

O mais, verdadeiramente ficcionado, é a existência, a par da reprodução retirada dos desenhos grotescos do núcleo de “Caricaturas” de Leonardo, das chamadas Três Graças, que aqui aparecem como personagens.

Registe-se, por último, que o título reproduz vários desenhos de Leonardo, sendo um deles, a “Rapariga lavando os pés de uma criança”, pertença do espólio da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto.



#### NOTA

1 Giorgio Vasari (1511-1574). Pintor, arquitecto e primeiro historiador de Arte, onde inclui preciosas biografias sobre as obras e os artistas do seu tempo, ainda que nem sempre precisas.

#### NOTA

**Retrato de Rapaz, Mário Cláudio.**  
Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2014



**Adelto Gonçalves**  
doutor em Literatura Portuguesa (USP)

# A influência árabe na literatura brasileira

**I** Quando os portugueses chegaram a Moçambique, ao final do século XV, algumas cidades já floresciam na chamada contracosta africana, onde os bantos negociavam com outras partes da África, do Oriente Médio e da Índia. A influência árabe nestes portos era forte e o suaíli era a língua franca do comércio. Foi da fusão das comunidades bantas e dos árabes que nasceu a cultura suaíli de que faz parte o litoral do Norte de Moçambique, do Quênia e da Tanzânia. Mas, até hoje, por razões várias, que incluem motivações geopolíticas, pouco tem sido estudada essa influência na Literatura Moçambicana em Língua Portuguesa.

No Brasil, essa influência também tem sido vista com pouca (ou nenhuma) atenção, ainda que a presença árabe por aqui seja mais recente. Para corrigir (ou amenizar) essa falha, a professora Moema de Castro e Silva Olival acaba de publicar *A Literatura Brasileira e a Cultura Árabe* (Goiânia, Editora Kelps, 2015), que reúne ensaios sobre seis escritores brasileiros de origem libanesa, destacando a significativa contribuição dos imigrantes árabes para a formação cultural do País. É de se lembrar que hoje são mais de seis milhões os libaneses e seus descendentes radicados no Brasil, uma população igual à do Líbano. E que, nos dias de hoje, já são 8.530 os refugiados sírios, que imigraram recentemente em função da crise político-econômica que vive a Síria. Na introdução, a professora Moema Olival explica que não foi seu objetivo fazer um estudo específico da cultura árabe nem reunir autores quanto à temática comum, mas sim observar, como no decorrer de suas obras, esses escritores acabam apontando para traços que os reúnem como intelectuais modernos, de procedência comum: a libanesa. Ou seja, a ensaísta procura mostrar como a narrativa ficcional desses autores se entrelaça com dados relativos ao povo e costumes árabes, uns mais ambientados, modernizados; outros menos, mas sempre a revelar a origem: “Um povo que é parte do leque de etnias que constituem e enriquecem o diversificado universo sociocultural brasileiro”.

**II** O romance *Lavoura Arcaica* (1976), de Raduan Nassar (1935), é definido por Moema Olival como “uma semente narrativa que viceja, com austeridade e determinação, sobre um arcabouço familiar libanês, construído sob ri-

gorosos laços de afeto e amor, em terras brasileiras”. Para ela, o romance espelha com fidelidade a cultura do patriarcalismo comum ao mundo árabe. Já ao analisar *Um copo de cólera* (1978), também de Raduan Nassar, a ensaísta destaca a problemática sexual que a novela traz, lembrando que o tema tem sido frequentemente abordado pela literatura árabe.

De Salim Miguel (1924), nascido no Líbano, Moema Olival estuda o romance *Nur, na escuridão* (1999), narrativa autobiográfica que reconstitui a trajetória da família do autor, desde o desembarque de Yussef, seu patriarca, em 1927, no cais da Praça Mauá, no Rio de Janeiro, e “a luta assumida por aquela família na sua aventura de tentar novos destinos”, passando por seu esforço por encontrar um bom comércio em Biguaçu e Florianópolis, em Santa Catarina, e no Rio de Janeiro, para oferecer uma vida melhor à família que, com o passar dos anos, reuniria sete filhos. De Salim Miguel, a ensaísta analisa ainda *Eu e as corruínas* (2001), livro comemorativo dos 50 anos de estreia do autor, que reúne crônicas e depoimentos.

De Milton Hatoum (1952), com certeza o autor de descendência libanesa mais proeminente hoje na literatura brasileira, com quatro romances premiados e traduzidos em dez línguas e publicados em 14 países, Moema Olival analisa os romances *Dois Irmãos* (2000) e *Cinzas ao Norte* (2010). Se o primeiro romance retrata o drama de mais uma família libanesa estabelecida no Brasil e a saga de dois irmãos gêmeos (Yakub e Omar), na cidade de Manaus, às margens do Rio Negro, o segundo busca trilhar um caminho aberto por Machado de Assis (1839-1908), em *Dom Casmurro* (1899), ao deixar para o leitor a tarefa de concluir se Ran ou Arana seria o pai de Mundo (Raimundo), uma das personagens principais.

**III** De Carlos Nejar (1939), a ensaísta debruça-se sobre *Carta aos loucos* (1998), terceira obra em prosa do poeta gaúcho e membro da Academia Brasileira de Letras desde 2009, e *Riopampa: o moinho das tribulações* (2004), romance que igualmente reconstitui os percalços de uma família que habitava um moinho. Para a professora, “*Riopampa* é uma parábola da vida e da morte, e do desamor, do egoísmo e da generosidade, da guerra e da paz, das classes político-sociais que separam os homens,

das forças da natureza sobre os sentimentos, e da alma que as traduz”.

De Miguel Jorge (1933), nascido em Campo Grande-MS, mas estabelecido em Goiás desde cedo (em Inhumas e, depois, em Goiânia), membro da Academia Goiana de Letras, a ensaísta estuda *Veias e Vinhos* (1982), *Nos ombros do cão* (1991) e *Pão cozido debaixo de brasa* (1997), trilogia urbana centrada em Goiânia, *O Deus da hora e da noite* (2008) e *Minha querida Beirute* (2012), sua última obra publicada. Por fim, de William Agel de Mello (1937), a ensaísta discute o volume I de suas *Obras Completas* (2008), que reúne sua ficção (os demais volumes abrangem tradução, ensaios, monografias e artigos, fortuna crítica e dicionários). Sua ficção é composta por dois romances (*Epopéia dos sertões* e *O último dia do homem*) e dois livros de contos (*Geórgicas - Estórias da terra e Metamorfose*). De *Geórgicas*, analisa especificamente o conto “Baalbek”, que, segundo ela, sintetiza com dramaticidade os perfis da raça árabe: “O espírito aventureiro, amor ao comércio e à cultura, aos amigos, a consciência de seus direitos, a complacência com os mais fracos, o espírito religioso, endossando as convicções herdadas”.

Provavelmente, porque estes dois últimos autores estão diretamente ligados ao solo goiano, Moema Olival dedica maior espaço ao estudo de suas obras, chegando a ponto de esmiuçar capítulo por capítulo *Minha querida Beirute*, de Miguel Jorge, obra que, em sua opinião, representa uma súplica dos preceitos morais, éticos e afetivos característicos de uma família libanesa tradicional. Ou seja: “Para o homem, tudo. Para as mulheres, a restrição e a obediência”, constata.

De fato, como observa o professor Fabio Lucas no prefácio que escreveu para este livro, a professora goiana, com estes ensaios, aponta não só uma nova perspectiva para o estudo da cultura libanesa projetada no ambiente brasileiro como abre o debate sobre a contribuição dos escritores descendentes de árabes à ficção produzida no Brasil, repetindo-se aqui o que diz o próprio Miguel Jorge na contracapa deste livro.

## NOTA

*A Literatura Brasileira e a Cultura Árabe*, de Moema de Castro e Silva Olival. Goiânia: Editora Kelps, 236 págs., 2015.



Alberto Cadilhe

## Colocação das palavras

**A**inda no seguimento da anterior crónica ('Pontuação'), achamos que é importante, em termos de linguagem, a precisa colocação das palavras nas respectivas frases com vista a tornar estas mais claras e compreensíveis quanto ao conteúdo do texto que as integra e assim se evitar aceções não queridas pelo seu autor.

Qualquer declaração ou mensagem, quando publicada oralmente (em conferência, com leitura de escrito ou de improviso), poderá ser divulgada pelos meios de comunicação, os quais, no exercício legal do direito que lhes assiste, acabam muitas vezes, ao fazer o julgamento apreciativo do assunto, por apresentar versões e opiniões díspares quanto à ideia real incorporada no respectivo texto.

Em termos gerais, toda a declaração passa essencialmente por três fases: a autoria, a emissão e a recepção. Este percurso desde a origem (restrito à pessoa do seu autor) até ao seu destino (em princípio sem controle) é propício a deturpações que, muitas vezes involuntariamente, alteram o exacto e verdadeiro teor do seu projectado sentido.

E quanto menos 'privacidade' houver na circulação da referida mensagem mais ela fica exposta a diversas transmissões laterais que a podem levar (com eventuais acréscimos, erradas interpretações, comentários, ditos e não ditos) a resultados alheios e destoantes da verdade pura do seu mentor e da vontade por ele pretendida.

Voltando ao início desta narrativa, parece ser notória e evidente, em qualquer texto ou mensagem, a necessidade de particular cuidado quanto à colocação das palavras na frase, devendo dar-se primazia a umas e orlando-se as demais de determinado realce, para assim caracterizar melhor a ideia que lhe está subjacente.

Na língua latina as palavras essenciais são em regra postas em relevo. E a frase é mais sintética, o que em parte impede a gama de interpretações erradas. Exemplificamos com as seguintes duas expressões: "Dura lex sed lex" (a lei é dura mas é a lei); "conditio sine qua non" (condição sem a qual não se teria dado o efeito).

É altura para, na retoma outra vez do tema em causa (colocação das palavras), prevenir o orador com referência a certos aspectos que podem originar situações interpre-

tativas falsas e contraditórias quanto ao teor declarativo que aquele tinha em mente.

Convém muitas vezes na frase a proferir, sobretudo por via oratória, antecipar qualquer complemento (circunstancial, indirecto, ou determinativo), para não deixar dúvidas e sugestões evasivas na parte final conclusiva.

Eis, a título de mero exemplo, algumas frases capazes de, em concreto, desencadear essas situações erróneas e não desejadas: "*Sou incapaz de prejudicar quem quer que seja*"; "*Sou um ignorante, no que se refere às táticas do jogo de xadrez*"; "*Deus não existe, para quem não tem um fogacho de fé*"; "*Não aceito a verdade, quando a verdade é imposta por legislação lesiva dos interesses dos mais humildes*".

Se na primeira frase o orador começa por dizer "*Sou incapaz...*", fazendo até uma pequena pausa (por aplausos ou avaria da aparelhagem), qualquer ouvinte desatento (em saída antecipada) assimila essa afirmação como concluída, apesar de incompleta, podendo julgar ter o orador qualquer incapacidade intelectual, física, visual, auditiva, sexual, ou outra... Do mesmo modo, se o orador nas restantes frases refere no início das mesmas "*Sou um ignorante...*", "*Deus não existe...*", "*Não aceito a verdade...*", sujeita-se também a que lhe sejam atribuídas as afirmações em questão, despidas da parte explicativa, e deixa no ar um acervo de dúvidas em si ambíguas quando na realidade tinha ideias muito concretas para referir. Mas se nessas frases o orador começar pelos citados complementos indirectos e circunstanciais que tinha escrito e em mente, inverte a ordem normal da colocação das palavras (sujeito, predicado e complemento directo ou nome predicativo do sujeito), acabando por pôr as conclusões nos seus devidos lugares com o sentido que lhes quis dar. Assim, a leitura das apontadas frases passará a ser mais ou menos nestes termos: "De ocultar a verdade e repudiar a justiça, *sou incapaz*"; "no que se refere às táticas do jogo de xadrez, *sou um ignorante*"; "para quem não tem um fogacho de fé, *Deus não existe*"; "quando a verdade é imposta por legislação lesiva dos interesses dos mais humildes, *não aceito a verdade*". Além disso, será ainda possível, por forma a dar mais reforço à ideia emitida na respectiva mensagem, repetir-se a parte final e complementar das

ditas frases ("de prejudicar quem quer que seja sou incapaz, sim, *incapaz de prejudicar quem quer que seja...*", etc.).

As emendas que agora acabamos de sugerir quanto à colocação das palavras impedem ilações erradamente imaginadas no espírito dos ouvintes e receptores da mensagem. E se, com intuito malévolo e objectivos reprováveis, alguém usar a frase sincopada, cingindo-se apenas à genérica conclusiva inicial ("*Sou incapaz...*", "*Sou ignorante...*", "*Deus não existe...*"; "*Não aceito a verdade...*"), esse alguém, como é óbvio, não está livre de responsabilidades pela eventual lesão causada.

De qualquer modo, para que o texto seja claro e inequívoco, é preciso, na linguagem empregue, evitar, entre outros, os vícios da ambiguidade (anfibia) e da obscuridade. Por outro lado, se necessário e para além do mais, convém fazer uso de algumas das figuras de estilo e de sintaxe (pleonasma, anástrofe, ênfase, anacoluto, hipérbato, anáfora, etc) que dão realce ao sentido exacto da frase e autorizam a mudança e inversão da ordem normal das palavras relativas ao conteúdo da mesma frase. Não quer isto dizer que a nossa língua não tenha outros elementos gramaticais também idóneos e adequados para contornar e resolver a questão acabada de expor.

Note-se que, em alguns dos seus provérbios e ditados, a própria sabedoria popular não se coíbiu, para dar mais ênfase à sua mensagem e exprimir melhor a ideia nela contida, de alterar a ordem normal das palavras. A comprovar isso, exemplificamos com os seguintes aforismos: "De médico e louco todos temos um pouco"; "Grão a grão enche a galinha o papo"; "Entre um e outro venha o diabo e escolha"; "De pequenino se torce o pepino"; "Com a verdade me enganas"; "Pela boca morre o peixe"; "No dia de S. Martinho, vai à adega e prova o vinho".

Enfim, o idioma português não é 'traçoeiro'. Mas a sua utilização declarativa ou receptiva sem as devidas precauções é de facto capaz de originar distúrbios, problemas e confusões. Por isso, face aos motivos acima apontados, é bom que haja sempre especial cautela quanto à colocação de certas palavras no início da frase, aspecto este em parte relacionado com a qualidade e subtilidade da linguagem do próprio autor, sobretudo quando o texto escrito é para ser lido em público.



J. A. Gonçalves Guimarães  
Mesário-mor da Confraria

## Eça & Outras



# No Vale do Côa com Eça e outras

**S**im, já sei que já ouviu falar, mas já lá foi? Ao Vale do Côa? Sabe que, tal como Mértola no Guadiana, este é o segundo projeto cultural português realmente implementado no terreno que veio tentar alterar a ronceirice do interior do país em todos os aspetos? Outros houve, outros estão a teimar, outros haverá, mas estes dois foram pioneiros e, pesem embora todos os avanços e recuos, ainda estão a funcionar. Por isso nos passados dias 12 e 13 de setembro fomos até ao Côa. Até arranjamos dois pretextos, um mais particular, outro mais universal: o primeiro, que diz respeito ao Gabinete de História, Arqueologia e Património da Confraria Queirosiana, é o de que este ano de 2015 se comemoram os 30 anos do início das escavações que puseram a descoberto as ruínas da granja romana na Quinta da Ervamoira, origem do Museu de Sítio aí existente inaugurado a 2 de novembro de 1997. As escavações, realizadas no verão e tendo terminado em 2004, duraram 20 anos e por elas passaram 174 pessoas diferentes, algumas delas vários anos. O segundo motivo, é que este ano também se comemoram os 25 anos do vinho Duas Quintas, criado por João Nicolau de Almeida, administrador da Casa Ramos Pinto, a partir das uvas desta propriedade e da Quinta dos Bons Ares. Assim o autocarro partiu, e depois do pequeno-almoço em Vila Franca das Naves (as estações de serviço estavam fechadas), paramos em Marialva para vermos um sítio medieval quase belo, dos muitos e variados que há por aqui, que o Côa não é só gravuras paleolíticas, pese embora a sua mundial importância.

Seguindo viagem até Chãs, aí foi o mudar de viaturas, que o grande autocarro não chega à Quinta. Catrapuz, catrapam, lá se chegou a Ervamoira, onde ainda a seletiva vindima demorava, mesmo tendo começado nos primeiros de agosto. Almoço delicioso na esplanada, vinhos belos, seguiu-se-lhe a visita às salas do Museu onde se explicou por duas vezes tintim por tintim a leitura dos painéis sobre as características da região, o porquê do nome, a exceção da estação a partir do sarcófago de pedra tempos antes de Nelson Rebanda revelar as gravuras, mas também aqui e agora a história da Casa Ra-

mos Pinto e da sua Arte Publicitária e outras muitas artes que por aqui passam. Depois o percurso até ao rio, a matar saudades de banhocas famosas e ver o mato que agora cobre as ruínas que ainda não tiveram noivo rico nos projetos para a região.

Depois o jantar, novo banquete de convívio, novos brindes, a surpresa do bolo, uma pasteleira recriação da quinta e da sua estação arqueológica com o arqueólogo sentado a olhar para o horizonte e a quem a azáfama do serviço esmurrou um pouco o nariz, mas não partiu os óculos. Parece que ninguém o comeu, pois escultura, ainda que em bolo feita, sempre é arte, ainda que efémera.

Já bem noite, lá se subiu para os autocarros pequenos para o retorno a Chãs e partida para Foz Côa, a desabar na cama do hotel para ressonar aquele tinto divinal.

Logo pela manhã do dia seguinte a visita ao Museu do Côa, tão gigante quanto o de Ervamoira é tamanhinho. Ali, bem recebidos e guiados para ver a Arte Paleolítica e o seu enquadramento arqueológico, a sua interpretação. Lembramo-nos aí do conto de Eça de Queirós "Adão e Eva no Paraíso", onde em 1896 escreveu: «E Adão (oh, estranha tarefa!) muito absorto, tenta gravar, com uma ponta de pedra, sobre um osso largo, os galhos, o dorso, as pernas estiradas de um veado a correr!...». Desde então que se devia perceber a Arte Paleolítica, quer na sua vertente histórica, quer artística. Mais difíceis de aceitar seriamente são alguns aspetos da Arte atual que nos querem impingir. Por mim podem encher os museus e as galerias de arte com caixotes da fruta pintados que eu não bato palmas. Se forem privados, estimo-lhes as melhoras; mas se forem estatais ou autárquicos tal significa que o Estado e os poderes públicos estão a comprar hipotético lixo aos amigalhões com o nosso dinheiro. As gravuras do Côa são Arte, memória e testemunho. O nosso tempo merece pelo menos o mesmo, e não a profusão de rabiscos esquizofrénicos, manchas coloridas dos borra-telas ou instantâneos de lixo que por aí proliferam, divulgados e hipervalorizados por quem nunca estudou, refletiu ou produziu teoria e análise sobre a Arte e a sua História.

Por isso dispensava-se ali a presença das habilidades de vidraceiro nos corredores e cantos de aranha, e a do molho de lenha a ocupar toda uma sala, mas ele há *lobbies* para tudo a tentarem chamar-nos burros se não batermos palmas à songuice pseudo-intelectual que por aí grassa. Arte é outra coisa, mas isso fica para outra vez.

Depois do Museu do Côa magnífico (belas, com e sem senão, sempre haverá) a partida para um almoço de bacalhau num restaurante local e depois partida para Trancoso, a vila bem simpática do casamento de D. Dinis e de D. Isabel e da batalha pela independência do Portugal de Avis. Interessante aqui, até como valor simbólico de quem quer permanecer no interior em zona tão pouco povoada, aquela estorieta do padre que produziu à sua custa mais de duzentos filhos através de incestos, bigamias, multigamias, estupro, violações, certamente exageradas (os vaidosos são assim) e toda uma atividade sexual de fazer corar de inveja os delírios do Marquês de Sade que viria muito tempo depois, o que lhe valeu o perdão de D. João II, que também não era nenhum santo. Provavelmente muitos dos filhos do religioso de Trancoso seriam portugueses (e castelhanos) judeus, que isto do Instituto de procriação só depois do ato se lembra das religiões com que os invejosos se ornamentam. E, claro, o Bandarra, no túmulo e em estátua de bronze. Em período eleitoral bem que o município podia pô-lo a render com mais garbo pois estamos em plena saison das profecias. Dispensava-se aquela monumental gaiola em frente da torre do castelo.

Mesmo com chuva nesta última fase da viagem, o proveito foi grande e não nos referimos apenas à degustação das célebres sardinhas doces ou aos encantos vinícolas da loja fronteira.

Enfim, o regresso impôs-se até ao Solar Condes de Resende. Aos participantes, por isto e por aquilo, talvez recomendasse a releitura do conto "Adão e Eva no Paraíso" ou de "A Relíquia", de Eça de Queirós, acompanhada de um bom copo daqueles tintos que festejamos nestes dois dias.

## 13.º Grande Capítulo anual

Os Amigos do Solar Condes de Resende - Confraria Queirosiana comemoram o aniversário de Eça de Queiroz no próximo dia 21 de Novembro com a entronização de novos confrades, a que se seguirá o habitual jantar com animação. O 13.º Grande Ca-

pítulo anual, com início às 17h30, decorrerá no Salão Nobre, no Jardim das Camélias e no pavilhão do Solar.

A participação está sujeita a inscrição prévia, podendo e o pagamento ser feito até 15 dias antes.

### Email

queirosiana@gmail.com  
confrariaqueirosiana.blogspot.com  
eca-e-outras.blogspot.com

### Coordenação da página

queirosiana@gmail.com

### Endereço Postal:

Solar Condes de Resende  
Travessa Condes de Resende, 110  
4410-264 Canelas VN. GAIA - PORTUGAL  
Tel.: 227 531 385 | Fax.: 227 625 622  
Telm.: 968 193 238



Graça Morais



André Gomes

## No Centro de Arte Graça Morais

As exposições «Cenários e Figurinos», de Graça Morais, e «Incandescência das Sombras», de André Gomes, podem ser visitadas no Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, em Bragança, até 12 de Janeiro de 2016.

## «Emoções Douro»

A exposição de Eugénia Carvalho «Emoções Douro» inaugura no próximo dia 7 de Novembro, às 17 horas, no Café Majestic, no Porto. A mostra individual fica patente até 28 de Novembro.



## «Sem Título»

O Salão Nobre do Teatro Nacional São João, no Porto, acolhe «Sem Título», 1994-95, de Helena Almeida, uma sequência fotográfica de 20 elementos de grande formato onde a artista se faz fotografar a várias distâncias. A apresentação da obra marca um novo ciclo da colaboração entre o TNSJ e o Museu de Serralves, que envolve a apresentação regular de peças da colecção de Serralves nos

espaços do TNSJ. A obra tem entrada gratuita ao público dos espectáculos e das visitas guiadas do TNSJ, até 13 de Dezembro. A apresentação da instalação decorre em simultâneo com a exposição «Helena Almeida: A minha obra é o meu corpo, o meu corpo é a minha obra», que pode ser vista no Museu de Serralves até 10 de Janeiro de 2016.



## «Anos 50 - Resende»

O Lugar do Desenho - Fundação Júlio Resende, em Gondomar, tem três novas exposições. Na Sala do Acervo, pode ser visitada «Anos 50 - Resende», durante quase um ano, até 9 de Outubro de 2016. «Os rios nascem no mar», de Isabel Sabino, está patente na Sala de Exposições Temporárias e Bárbara Fonte expõe na Sala 3 a mostra «Reversibilidade». Estas duas mostras podem ser visitadas até 22 de Novembro.



«Anos 50 - Resende»



«Os rios nascem no mar»



«Reversibilidade»

## «Tributo à Arte Bruta»

Inaugura no próximo dia 6 de Novembro, pelas 18 horas, a exposição «Tributo à Arte Bruta», nas instalações da antiga esquadra da PSP de Vila Nova de Gaia (edifício da Câmara Municipal). Integrada no projecto Onda Bienal, a mostra - organizada por Artistas de Gaia - Cooperativa Cultural, com o apoio da Autarquia - é composta por trabalhos de 33 artistas.

## «1974: 40 Anos de Ecologia a Partir do Porto»

A exposição «1974: 40 Anos de Ecologia a Partir do Porto» pode ser visitada na Fábrica Social - Fundação Escultor José Rodrigues, no Porto, até 7 de Novembro. A mostra pretende dar a conhecer a origem das ideias e dos movimentos ecológicos que surgiram no Porto, com o advento da Revolução do 25 de Abril de 1974. No dia do encerramento, às 15 horas, haverá a projecção do filme «Vozes da Transição (Voices of Transition)», de Nils Aguilar, seguida de debate.



## Gaia acolhe Leopoldina Costa

Leopoldina Costa expõe a sua pintura no Auditório Municipal de Gaia até 1 de Novembro. Recorde-se que as visitas à mostra fica condicionada durante os espectáculos.

# As Anjas de Francisco Simões



Desde que me foi dada a honorável incumbência de apresentar esta obra de arte, tendo sido interpelado nos meus sonhos por santos, por filósofos, por escritores, por teólogos e por tantos outros, um significativo agregado de gente ida mas preocupada com o aditamento que este livro acrescenta à angelologia, ou, se preferirem, à interpretação da mensagem divina que os anjos carregam e nos emprestam.

Um deles, S. Tomás de Aquino, uma autoridade teológica que classificou o corpo angélico três tríadas, recordou-me que constituía um absurdo, quiçá uma blasfémia, um livro que versa sobre o que não existe, ANJAS do nosso mundo.

*Vê bem e verás que os anjos não têm sexo e, ao porem semelhante título nesta espécie de livro, mais não será que admitir que um anjo tem sexo e, como se não bastasse, do género invaginado. Não o presentes e sobretudo não o assumas, não desprezes o percurso narrativo da história teológica, não alters o sagrado e não desafios o transcendente,* disse-me em tom demasiado audível (quase que me despertava).

Depois de me revirar na cama, dada a agitação provocada pelo canonizado filósofo, e porque já tinha lido e relido o livro, sussurrei-lhe, para não acordar a minha mulher, que as ANJAS, essas sim, existiam, e os nove que ele tinha classificado, esses, só na Comédia Dantesta os tinha imaginado. Se ele nunca tinha contactado ANJAS, tal só se devia ao impedimento do voto celibatário.

S. Tomás de Aquino teria que acrescentar à última tríada da sua conhecida classificação dos anjos.

Elas, não têm seis asas como os Serafins, nem apresentam os sinais de hibridade com animais (própria dos Querubins) e muito menos a experiência anciã dos Tronos. As ANJAS não são peritas a administrar e a liderar como os Domínios, nem tão pouco apresentam a virilidade das Virtudes ou as artes guerreiras das Potestades. Têm imensa dificuldade em receber ordens e, por isso, não podem ser Principados. Apenas se aproximam dos Arcanjos e dos Anjos pela circunstância de estarem mais perto do reino humano e de demonstrarem uma beleza sublime. De facto, não se inserem naquela taxonomia angélica, não cabem em nenhuma das três tríadas. Teria que ser adicionada mais uma ordem, as ANJAS, dotadas de vários poderes, como o de se tornarem visíveis e invisíveis à vontade criando o desejo de serem vistas, com a potencialidade de operar prodígios diversos, sendo o mais importante, o de distribuir amor com o seu toque de fogo, o que muito demonstra a sua índole feminina, quase a fundamentando até.

O livro que hoje se edita, entre desenhos e escrita, é, como diz Isabel Ponce de Leão, um "bater de asas"

real e encantatoriamente destemido, pois não. Mas é também de grande ousadia, já que põe fim ao infundável debate teológico que sobreveio de Constantinopla, sobre o "sexo dos anjos".

Em abono da verdade, editar um livro sobre ANJAS não lembraria ao diabo, mas estas são, de facto e muito particularmente, seres do nosso planeta. ANJAS do nosso mundo.

Muito terrenas, apesar de aladas e menos ingénuas porque arredondadas e trianguladas, assim as retrata o artista Francisco Simões, que nos oferece uma dicotomia visual entre o sagrado misterioso, leia-se alado e olhar desprendido, e o erótico, compreenda-se o nu encoberto, só pleno se subtraímos.

O talentoso escultor eterniza-as no traço e na cor e, assim, torna-as profícuas, muito para além da mensagem angélica e da guarda divina que elas forçosamente conferem, ou não fossem elas, realmente, ANJAS.

Se repararem, as ANJAS de Francisco Simões não nos olham, apenas demonstram uma pose com uma quietude convidativa à sua contemplação. Mostram expressão com olhos inexpressivos. E que lindas são.

E eu, honroso convidado para apresentar tão inigualável livro (um livro de sentir, qual peça de arte), que cresci com a inexistência dos anjos, sem sentir a sua guarda e sem compreender o desprezo do seu silêncio (nunca comigo falaram), desejo-me debaixo das asas destas ANJAS a sentir o seu amparo, a viver o calor da proteção, num desejável ócio a imaginar que a anja perca o que de divino tem, e expresse o que de não divino encarna.



Vejo-me agasalhado na maciez das suas penas, mas sonho que elas caíam, que a ANJA se desprenda das asas, e de mim precise. Quero sentir o prazer de a proteger.

Será que o amor é a manifestação do anjo da guarda? Já Almeida Garrett aliou, à queda das asas, não só a privação da transcendente capacidade de voar, mas sobretudo a perda do passaporte para o céu, no seu famoso poema dentro do tema:

Eu tinha umas asas brancas,  
Asas que um anjo me deu,  
Que, em me eu cansando da terra,  
Batia-as, voava ao céu.

Mas depois de resistir à cobiça da terra, aos seus tesouros, ao poder, surgiu algo de mais tentador ainda, como bem traduz o poeta:

Cegou-me essa luz funesta  
De enfeitados amores...  
Fatal amor, negra hora  
Foi aquela hora de dores!

Tudo perdi n'essa hora  
Que provei nos seus amores  
O doce fel do deleite,  
O acre prazer das dores.

E as minhas asas brancas,  
Asas que um anjo me deu,  
Pena a pena me caíram...  
Nunca mais voei ao céu.

Reparem que o autor não diz que perdeu a capacidade de voar, apenas que nunca mais voou ao céu, o que é diverso.

Ora, o artista destes sublimes seres desenhados faz um convite descarado às ANJAS do nosso mundo para que percam as asas, mas só por uma nobre causa, pelo AMOR, nas suas ramificadas vertentes. Francisco Simões cria uma nova realidade angelical.

Escultor de nomeada, fica desafiado para reproduzir a bidimensionalidade destes seres nos três planos do espaço, para que mais facilmente possamos desejar a sua aparição.

Simões justapõe à esfericidade apenas o triângulo, sinal público da invaginação que dá ao género, uma afirmação necessariamente feminina. Aquelas ANJAS existem para amar e para serem amadas. Uma delas, talvez porque não acha as suas asas tão exuberantes, chamativas o bastante, atreve-se até a usar uma liga, fundamentando o seu dever de atrair para entregar a mensagem do amor, facto que torna estas anjas muito contemporâneas.

Sabendo quanto difícil é sermos contemporâneos de nós próprios, cabe-nos não as renegar, tendo para mim que a sua aceitação como veículos do amor, constitui o supremo desiderato desta obra coletiva da escrita, do desenho e da arte gráfica.

Aliás, isso nos diz o prefaciador da obra, o insigne Professor Guilherme d'Oliveira Martins, elevada personalidade que envernizou a tela com a sua notoriedade cultural e reconhecida eloquência: "Eis por que

*motivo falar da realidade angelical no feminino nada tem de estranho ou de inusitado. Trata-se de uma natural tomada de consciência artística e literária sobre domínios inalcançáveis para os sentidos dos comuns dos mortais”.*

Não é por qualquer motivo certamente que Isabel Mendes Ferreira, no seu poema, fala de anunciação, ao mesmo tempo que pede perdão de não saber onde mora o pecado, admitindo-o, inclusivamente como luxo.

Como tenho sido um homem desamparado dos deuses, não me sinto devedor de preces, mas afirmo publicamente que tal como Pascal Mercier, “*não quero viver num mundo sem catedrais, preciso de sua beleza e de sua transcendência, preciso delas contra a vulgaridade do mundo*”. Todavia, se tivesse que preferir uma oração, escolheria aquela que foi plasmada neste volume pela Isabel Ponce de Leão, “O CREDO”. Tão só porque creio nas mulheres, na forma como se erotizam, no seu pragmatismo material sem descuido espiritual, sejam ou não ANJAS. E começaria a minha prece justamente da forma como a Isabel sugere: creio nas anjas-mulheres curvilíneas, creio nas Evas combativas, ou, como dizia também e tão bem Natália Correia, “*creio nas ANJAS que andam pelo mundo...*”

Ao ler o admirável poema da Maria do Rosário Pedreira, apercebi-me que ela é também uma ANJA, porque ANJAS vê nos idos queridos e, quando só se dá conta, guarda-se a si própria, identificando-se com o tu protetor.

Maria Teresa Horta dá-lhes um nascimento inventado, “nascidas do próprio invento”, como ela diz, mas torna-as simultaneamente reais, ao admitir no seu percurso existencial as desgraças do percurso humano.

De forma admirável, num texto algo dramático mas amaciado com algum humor, Patrícia Reis, em diálogo teatral, faz-nos compreender que as ANJAS têm mãos para além das asas, e que, uma dessas mãos, nos conduzirá na derradeira hora. Um consolo. Adorei.

Verão que Teolinda Gersão escreve pouco, mas que o conteúdo é profundo, já que fala na sublime liberdade destes seres.

Numa conversa assaz informal, onde a dissimulação primata atinge os cumes, Teresa Martins Marques faz-nos ver que as ANJAS não se esgotam apenas na voz da consciência. Vi há pouco uma ANJA muito carnal mas com asas que dizia ao marido: percebes agora porque não me importo de ter asas? Para voar para longe de ti.

ANJAS do nosso mundo é um mundo à parte e, é, sobretudo, arte.

A par de um ato coletivo de expressão, assume uma coletânea de textos com contexto, embelezada por um catálogo artístico. Junta um artista a sete escritoras e aborda um tema recorrente, mas de forma inovadora.

Tudo é servido com uma toalha de linho bordado, notando-se o cuidado do grafismo e do *design*, num papel fantástico cujo toque o deixa não reproduzível em pixéis e numa dimensão que respeita a pro-



porção áurea, para que caiba debaixo da asa de uma ANJA, assim o terá cogitado Rui Pereira.

É um livro de sentir, para ver e ler em silêncio, pois precisa de sossego para ser contemplado. Como diz o filósofo, não é a vida ativa mas sim a contemplativa que transforma o homem naquilo que ele deve ser. E a vida contemplativa pressupõe uma determinada pedagogia da visão. Tenho a certeza que esta obra para isso contribui e, por isso, em jeito de motivação e porque o cumprimento lhe é devido, felicito o Labirinto de Letras Editores por esta deslumbrante edição.

**Afonso Pinhão Ferreira, professor UPorto**

#### NOTA

Texto de apresentação lido pelo autor na Galeria Baganha, no Porto. No mesmo dia (e no mesmo local) foi inaugurada a exposição de pintura de Júlio Resende e de escultura, desenho e cerâmica de Francisco Simões, «Tantum Ergo (lento, sostenuto et expressivo)», e que pode ser visitada até 30 de Novembro, de segunda a sábado, com entrada livre.

#### NOTA

Em Lisboa, o livro «Anjas do nosso Mundo» será apresentado pela professora Maria João Fernandes, no próximo dia 2 de Novembro, pelas 18 horas, na Biblioteca Nacional de Portugal.



**Helena AM Pereira**  
museóloga

## Nilbar Güreş no Istanbul Modern

No dia 13 de fevereiro de 2014, António Pinto Ribeiro protagonizou a conferência de encerramento do Tempos Cruzados, área de programação de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura. A conferência tinha como tema “A síndrome da ex-capital cultural: o futuro da cidade inquieta”. Dessa conferência, no decorrer da viagem à cidade turca de Istambul que tive oportunidade de realizar recentemente, veio à memória uma frase do referenciado programador cultural e professor universitário, quando este afirma que “as eternas capitais europeias da cultura serão sempre Londres, Paris e Istambul”. De facto, o mundo podia morar em Istambul. Situada em dois continentes, no encontro da Ásia com a Europa, separada por três mares e com uma história de múltiplas civilizações, Istambul conserva até hoje esse espírito de caldeirão étnico, marca dos seus tempos e da sua História. Antiga Bizâncio, cidade grega (600 a.C. a 165 d.C.), passa a Constantinopla a partir de 330, sob a égide do Imperador Constantino, que a reconstrói e a apelida de “nova Roma”. Será capital do Império Romano do Oriente até 1453, quando é tomada pelos otomanos. O Império Otomano perdurará até 1924, data da implantação da República da Turquia, no contexto do Pós I Guerra Mundial e sob a liderança de Mustafa Kemal Atatürk (1981-1938), conhecido como o “pai do povo”.

A condição geográfica e a riqueza histórica, a que se somam mais de 13 milhões de habitantes, continuam a fazer de Istambul capital cultural, cidade cosmopolita, multicultural, plena de ritmos, cheiros, sabores, cores, gentes, em suma, plena de vida.

As expressões artísticas e culturais, que emergem em todo o tecido urbano, têm esse emaranhado de História e, ao mesmo tempo, de novidade; mantêm tradições que, por outro lado, questionam. A arte contemporânea, enquanto veículo privilegiado de construção e questionamento de identidades, tem em Istambul a marca do tempo que vivemos, em redor do eterno Mediterrâneo, das suas culturas migrantes, convergentes e conflituantes. No dia 11 de dezembro de 2004, abriu em Istambul um museu de arte contemporânea, o primeiro museu privado de arte da Turquia: o **Istanbul Modern**. Situa-se em Tophane, distrito de Beyoğlu, numa das margens do Bósforo e foi instalado num antigo armazém alfandegário, assumindo características da arqui-



Frame do vídeo «Undressing» de Nilbar Güreş

tura estruturalista que nos remetem para o Centre Georges Pompidou (Paris) e que se enquadram na tendência de reaproveitamento de espaços industriais. A área de cerca de 8.000 m<sup>2</sup>, distribuída por dois pisos, inclui as valências de exposição permanente, temporária, loja e restaurante.

Na área de exposições temporárias, de 5 de setembro a 1 de novembro, está patente a 14.<sup>a</sup> Bienal de Arte de Istambul, comissariada por Carolyn Christov-Bakargiev e com trabalhos de cerca de 80 artistas, provenientes de África, Ásia, Austrália, Europa, Médio Oriente, América Latina e América do Norte. O tema da mostra, espalhado por vários espaços da cidade, é “SALTWATER: A Theory of Thought Forms” (*Água-salgada: uma teoria das formas do pensamento*) e a seleção é de enorme coerência narrativa e intelectual.

Na área de exposições permanentes está patente a exposição “Artists in Their Time”, construída a partir da coleção do Museu e que tem enfoque na forma como os artistas posicionam o seu trabalho e a si próprios em relação ao conceito de tempo. Sugere uma abordagem conceptual que procura relacionar o tempo dos artistas com o tempo social, cultural, natural e universal. A seleção de obras é de enorme critério e a opção museográfica permite-nos, sem dúvida, refletir sobre o tempo de desencontro cultural e ideológico em que vivemos.

O vídeo “Undressing” (2006) da artista turca, e natural de Istambul, **Nilbar Güreş** (n. 1977) foi uma das obras que mais me impressionou. Consiste numa performance em que a artista vai retirando sucessivos lenços (numa alusão ao costume da mulher muçulmana que cobre o cabelo e parte do rosto com o *hijab*), que pertenceram a mulheres com as quais conviveu um pouco por toda a Europa. A mensagem que a artista nos procura transmitir com este vídeo é clara e de todos deve merecer reflexão: “Enquanto habitantes da Europa, apesar de terem nacionalidade estrangeira, estas mulheres, como eu própria, com ou sem lenço na cabeça, não representam a Turquia, ou o Irão, ou o Afeganistão, nem outro qualquer país, nem sequer o Islão, em si mesmo. Apesar disso, frequentemente são vistas como alvos, com preconceito. A maioria das mulheres muçulmanas que vive na Europa, com ou sem lenço na cabeça, primeiro que tudo, representa-se a si própria e não ideias religiosas ou nacionalistas.”

O tema dos “pré-conceitos” sobre os muçulmanos e, nomeadamente, sobre a mulher muçulmana é também marca do trabalho, também em vídeo, do **Ferhat Özgür** (n. 1965), símbolo da cidade de Ankara, que nos apresenta uma mulher muçulmana, usando o *hijab*, a cantar o famoso “Hallelujah” de Leonard Cohen.

A Arte a promover reflexões no lugar onde o nosso mundo acontece.



**Francisco Noronha**  
crítico de cinema.  
francisonoronha710@gmail.com

## Crítica de cinema

**As Mil e Uma Noites: Volume 2,  
O Desolado (2015),  
Miguel Gomes \*\*\*  
+ As Mil e Uma Noites: Volume 3,  
O Encantado (2015),  
Miguel Gomes \***

Muito se tem discutido a questão da “estrutura” na trilogia de Miguel Gomes e esse foi mesmo um dos aspectos a que aqui aludimos negativamente acerca do primeiro volume (*O Inquieto*). O próprio realizador se referiu à intenção de “atirar” a estrutura à cara do espectador e os seus defensores têm elogiado a “costura” que a trilogia deixa propositadamente “à mostra” como forma de evidenciar o cruzamento das *mil e uma* histórias (reais, ficcionais, assim-assim) e pessoas que compõem o quadro maior do Portugal do período “Troika”. É argumento que não nos convence, porquanto aquela que é, para nós, a grande debilidade da trilogia - a sua unidade - transcende o plano meramente formal: a falta de unidade não está na forma, mas sim na substância, na construção e equilíbrio das ideias. Aliás, essa ausência de unidade formal - e a visibilidade, para o espectador, da tal “costura” - estava igualmente presente em *Aquele Querido Mês de Agosto*, no qual o vaivém ficção-documentário-docuficção era igualmente assumido, sem que tal se traduzisse na sensação, iniciada com o primeiro volume e confirmada no terceiro (com a exceção do segundo, a que já iremos), de um atabalhoamento na organização do material filmado, de uma certa sofreguidão em contar e mostrar “tudo”, mesmo à custa de bizarras estereis e, acima de tudo, dos danos para a sobrevivência harmónica do produto final (não vemos que outra coisa que não essa sofreguidão possa justificar, por exemplo, no terceiro volume, a justaposição do episódio da jovem chinesa com as imagens da manifestação dos polícias no Parlamento, não bastando fazer a ponte arranjando-lhe um companheiro... polícia). *O Desolado*, o volume do meio, é, por isso, de longe, o mais interessante da obra (comoventíssimo, com entrada directa para a história do cinema português, o fragmento do cão Dixie e o casal “enfumado” que o habita, na medida em que se concentra nas grandes linhas do cinema de Gomes, desde logo, a força mítica das histórias, enlaçada com a da História (como já acontecia em *Tabu*), ambas perfeitamente evidenciadas nesse tribunal/teatro/assembleia das misérias e modo de evidenciar o vaivém entre o particular e o universal. As outras linhas repousam na abordagem à forma como a memória re-

gista, deteriora e reinventa essas histórias (as pequenas e a grande) ou, ainda, o inegável talento na hora de filmar imagens em movimento. “As histórias existem para nos ajudarem a sobreviver, para ligarem o tempo dos mortos ao tempo dos que não-de vir”, resume Xerazade já no terceiro volume. Ao contrário, porém, do que acontecia em *Aquele Querido Mês de Agosto*, onde o par realidade/ficção dançava sem nunca se desequilibrar, as *Mil e Uma Noites*, globalmente falando, não dá prova do mesmo balanço (nem da propalada eloquência satírica, a qual, latente noutros filmes do realizador, só muito a espaços a reconhecemos aqui). Isso já era visível em *O Inquieto*, mas a ideia com que se fica depois de ver *O Encantado* é a de um despenhamento, materializado no *travelling* final que, completamente inócuo, parece existir apenas para deixar tocar a música que o acompanha. Até essa queda livre, e depois das primeiras (e, apesar de tudo, as melhores) cenas com Xerazade, Gomes vai rodando em seco (as fastidiosas caixas de texto não ajudam) e o filme arrastando-se, indefinidamente, numa espécie de etnografia dos passarinheiros cuja abordagem (e não o seu interesse intrínseco, que não se discute) justificava um capítulo de duração semelhante aos presentes nos restantes volumes (e não os quase três quartos da duração total do filme). A auto-reflexividade de que Gomes faz amiudadamente uso (a “abstracção que dá vertigens”, no primeiro volume; o “tropear no próprio pé” simbolizado pela rede no final do terceiro) - mas já não, sintomaticamente, no segundo volume - não resolve os problemas, antes os sublinha a traço grosso. Vertigens? Sim, mas nem sempre das boas, razão pela qual preferimos ficar com Dixie e o jovem casal naquele sofá no meio da rua e guardar da trilogia o seu ponto de partida “xerazadiano”, no que de mais radical (e político) ele proclama: histórias ou morte.

**João Bénard da Costa:  
Outros Amarão as Coisas Que Eu Amei (2015),  
Manuel Mozos \*\*\***

É famosa a forma lapidar como um dia John Ford (não) respondeu à pergunta do “fordiano” Peter Bogdanovich sobre o significado da não menos famosa porta que se fecha no final d’*A Desaparecida*. No final do filme de Mozos, porém, a porta que, ao invés, se abre - a porta d’*O Fantasma Apaixonado* (Mankiewicz, 1947) - não deixa dúvidas: Bénard parte com as personagens, com as histórias, com as imagens, enfim, com os filmes para o céu, no caso, o grande pátio da Memória, cuja

vivificação Bénard promoveu incessantemente em vida e que, fruto das suas palavras escritas, prosseguirá para além dela. Filme - apetece dizer: declaradamente - para bénardianos (e estes já conhecerão de antemão muito do que se ouve no filme), este não é - nem isso se esperava, vindo de quem vem - um “*biopic*” convencional de “A a Z”. É a visão pessoal e autoral de Mozos sobre uma figura tutelar e inultrapassável da vida portuguesa deste século e do que passou, homem de vastíssima cultura que ensinou muito boa gente (realizadores, críticos, programadores ou simples cinéfilos) a “ver” filmes, a educar o olhar, através do que escreveu e que, mais do que ninguém em Portugal, personificou e cultivou uma coisa - hoje quase do domínio da extravagância histórica - chamada cinefilia. “Sempre me afastarei de um texto crítico quando esse secundarizar a elucidação do que critica (a sua plena iluminação) ou a formação do gosto de quem eu quero que goste tanto como eu gosto e que, se possível, goste como eu gosto. (...) aprender a gostar é tudo quanto pedi e peço aos críticos de quem gosto”. A citação (do próprio Bénard) é importante para se compreender a possança do espírito, o vigor da transmissão intelectual, a grandeza da paixão de Bénard pelo cinema e do modo informalmente pedagógico como a divulgou. E fundamental, ainda, para, glosando o título do filme (emprestado de um verso de Sophia), afinal, o compreender: Bénard foi esse cinéfilo que fez e faz outros amarem as coisas que ele amou, através do sublinhar de pormenores dos filmes aparentemente insignificantes ou de interpretações singulares. Trata-se, assim, um filme de um cinéfilo (Mozos) sobre outro cinéfilo, composto por trechos de alguns dos filmes predilectos de Bénard (*Johnny Guitar*, desde logo), que inclusivamente os chega a comentar em “nome próprio” (embora a narração off seja assumida pelo seu filho, João Pedro Bénard, não obstante as palavras, escritas, serem sempre do pai), forma de fazer ecoar a eternidade dos seus fascínios e obsessões (as actrizes - ou as personagens? - por quem ficava enamorado, por exemplo). Se, como se diz, a cinefilia é o lugar dos necrófilos das imagens e histórias, dos que vivem na companhia dos fantasmas (aqueles que já não existem mas nos assaltam a cada visionamento na sala escura), o trabalho de Mozos é profundamente fantasmático na terna evocação e convocação do que já partiu - é também ele mesmo, por isso, uma manifestação da “*mort au travail*”, tal e qual as fotografias dos seus familiares de que fala Bénard no filme. *Eppur si muove* - a vida.



Castro Guedes

encenador, director artístico de Dogma12

# “Teatro? P’ra quê? Isso não dá de comer, homem!”

(A “Crise” e a “crise” à escala doméstica)

Por acaso não se passou directamente comigo, mas com outro director, mais virado para a componente financeira, de um grupo de teatro na Província, onde estive bastante tempo. Tentávamos envolver o maior número de câmaras municipais da Região no apoio material e logístico ao tal grupo. Não se tratava unicamente de aumentar receitas, apesar da sua importância, mas também de as diversificar e, sobretudo, enquadrar a actividade do grupo num tecido regional próprio e sólido.

Num caso aconteceu que um dos presidentes se encontrou com o tal director, numa festiva merenda na quinta de um amigo comum. O autarca abeirou-se do outro e quis saber para que era a reunião. Depois de se esclarecer, com uma coxa de frango na mão esquerda e um copo de verde tinto na outra, por entre vocábulos que se escapavam das fêveras do galináceo, riu-se e comentou: “Teatro? P’ra quê? Isso não dá de comer a ninguém, homem!”. E lá acabou ele a comer a coxa da ave e a conversa geral a resvalar para os carros topo de gama.

Ao recordar isto, lembrei-me de uma conversa, que também não me envolveu a mim, mas passava-se à mesa de um dos restaurantes mais *finos* de Lisboa, uns anos antes do outro episódio. Dois homens de elegantes fatos de marca, deglutindo uns escargots de entrada, acompanhados de uma Reserva de um magnífico *Chardonnay* branco, falavam em tom discreto, mas suficiente para eu ouvir. A Arte veio à baila, a propósito de uma galeria então na moda. E dizia um deles gargalhando: “Os preços estão muito altos. Em vez dos desenhos, prefiro investir em cimento. É mais sólido”. Ao que o outro se apressou a contrapor: “Depende. Desde que conheça um *marchand* bem colocado, pode adquirir uma obra de um pintor em início de carreira e em 4 ou 5 anos aquilo valer 5 ou 6 vezes mais. 100% ao ano, já viu? Só na Bolsa consegue tais resultados. Além de que investir em Arte é sempre um gesto apreciado, compreende?”.

Na altura, confesso, embora a conversa em Lisboa fosse pedante, preferia-a (e prefiro, por sensibilidade) à do labrego cheio de unto nas beíças. Mas não percebi que se completavam na sua matriz ideológica. Elas revelam a mesma percepção sobre as Artes, e a Cultura em geral, na categoria mercantil de um bem que só vale pelo carácter transaccio-

nável que possui ou não possui. Aliás, este aspecto é hoje mais evidente com a deriva do capitalismo industrial para a *financeirização* do mercado e a globalização do mesmo. Acontece que à posse dos meios de produção, os próprios resultados de mais-valias agrícolas ou industriais, passaram a ser secundárias em relação à criação e acumulação de “riqueza instantânea e virtual” no *jogo de casino* das Bolsas, numa forma tão fluída da posse jurídica do bem, que o importante é o ‘valor’ presumido e cada vez menos capaz de ter um padrão material de aferição real. Por isso, hoje, como é sabido, há o terror de muitos economistas, incluindo os que defendem o modelo capitalista, mas produtivo: o dinheiro ‘inventado’, virtual, corresponde a cerca de 60 vezes mais ao valor real do que é representação ‘real’, material, da produção mundial, num processo irreversível e tendencialmente para aumentar como fuga para a frente.

Todavia, não é, ou não é tanto, por via de decaimento puramente ético (o imediatismo, o facilitismo, a amoralidade com que estas coisas acontecem) que aos Médicis sucedem uns ‘Merdicis’ e ao mármore de Carrara no chão, um programa de Excel no ar. Mas o cerne da coisa está noutro lado intrínseco ao sistema capitalista, seja qual for a forma que adquire. Tal como previra Marx, *apud* Varoufakis, “[O] processo de produção aparece apenas como um elo intermédio inevitável, como **um mal necessário para o bem de fazer dinheiro**. Todas as Nações com um modo de produção capitalista são, portanto, cometidas periodicamente por excessos febris **para ganhar dinheiro sem a intervenção do processo de produção**.” (Sublinhados meus).

Daí resulta o desprezo por um objecto artístico produzido (a criação realiza-se na sua produção), caso o mesmo não seja mercantilizável, como mais flagrante no caso das artes cénicas o não é. Pelo menos, para já, a memória de “O Quebra-Nozes” no Mariinsky em São Petersburgo, não serve “para o bem de fazer dinheiro” instantâneo. Esta *gramática* do capitalismo é-lhe inata, mas nunca foi tão evidente como hoje. Floresce em pleno esplendor daquilo a que Ted Kaczinsky chamou a “Civilização Tecno-Industrial”, mas sobretudo após a chamada 3.ª vaga toffleriana. E com o triunfo da Escola de Chicago, desregulamentados os mercados, à vertigem do lucro do *gambling* fi-

nanceiro, a coisa agrava-se. O mercado financeiro em si mesmo, introduz produtos cheios de toxinas de rentabilidade desproporcionada, idênticas ao efeito das sulfamidias que fecham as feridas só por fora.

Todavia, estes ciclos de recessão são filhos e netos da Grande Depressão Americana de 1929, como bem se explica de forma evidente na obra do mesmo Professor de Harvard, Yanis Varoufakis, de onde retirámos a citação de Marx. A dependência económica, sobretudo da Alemanha e Japão, após a Segunda Guerra Mundial, transformam o próprio deficit americano, nem sei quantas vezes superior ao português, num negócio com as interdependências económicas e financeiras que desembocam, em 2008, no *crash* provocado pela (inevitável) falência da Lheman Brothers: por debaixo das ‘sulfamidias’ tudo gangrenara. Esta sucessão de ‘tsunamis’ decorrentes de terremotos cíclicos de grande escala, aceleraram-se em progressão geométrica, sendo que nos intervalos ‘tufões’ bolsistas e outras ‘manobras’ representam sinal evidente de um fim de um sistema, que pode, pela tecnologia armamentista e de controlo, não ser só o último do capitalismo, mas o da própria ‘Antropo-Civilização’ vinda, no mínimo, desde a Invenção da Escrita.

Estes factos que transformaram a burguesia mercantilista da Renascença, útil e geradora de riqueza, em ascensão que se queria evidenciar nas grandes ‘construções’ e posse de bens, incluindo o mecenato artístico, em substituição do brasão aristocrático, declinaram em todo o processo anteriormente narrado neste artigo, ainda que de forma muito sintética e algo superficial.

Ora, num País de opereta como o nosso se transformou - e já remotamente mais periférico no conhecimento do que na sua posição geográfica na Europa - a única coisa que nos distingue é que enquanto a burguesia culta de Londres, Berlim, Viena, Paris, Roma... - porque sabe que o conhecimento é, ele próprio, um bem que favorece o discernimento para rentabilizar as transacções e dominar os saberes - aprendeu a apreciar o movimento de um Cisne no Lago, enquanto a de cá, mesmo muita do restaurante *fino* gosta bem mais dos movimentos peristálticos da coxa de frango depois desta passar no bandulho.

Pelo que não admira o que sai depois da digestão feita nos mais intestinos sentimentos do gosto...

# «Cayo Carpo & Bb Music»: uma simbiose entre música e gastronomia

**A** briu, em Matosinhos, um novo espaço de música. Depois de ter estado na origem do B Flat Jazz Clube e de o ter conduzido por cerca de 18 anos, António Ferro avança com um novo projecto de música. Sempre a música e com a música. O jazz como elo de ligação, mas não estanque... Falamos do Bd Music. Já abriu - inaugurou com os «Delta Blues Rider» (Paulo Veloso, Jorge Loura, António Ferro e Miguel Pardal) - e está no espaço do restaurante Cayo Carpo. O projecto «Cayo Carpo & Bb Music» não é uma parceria inédita e por si só “um motivo de originalidade conceitual”, há, contudo, nesta associação entre um restaurante e um clube de música ao vivo propostas distintas. A qualidade e diversidade são apostas de ambos os espaços (num só espaço): «Cayo Carpo & Bb Music», “numa simbiose perfeita” entre a música/cultura e a gastronomia, acompanhada pelos melhores vinhos...

E, assim, “numa cidade que personifica o maior número de restaurantes (per capita) da Europa, com excelentes propostas gastronómicas e uma incidência especial nos grelhados (peixes), tentar inovar, é uma tarefa difícil de concretizar. O Cayo Carpo, um nome intimamente ligado à lenda de Matosinhos, vai conseguir criar, um novo conceito de cozinha. Uma cozinha personalizada pelo seu chefe Vítor Delgado. Do frango à Cayo Carpo, ao arroz de bacalhau; do polvo assado aos nacos do cachaço e do arroz do mar (com coentros) ao pernil assado no forno (12 horas a 70º). Pratos por encomenda ao domingo, ou para grupos: cabrito no forno (forno a lenha), frango de cabidela e cozido à portuguesa”. O restaurante tem ainda “óptimas propostas de comida vegetariana: stroganof de cogumelos, lasanha de cenouras e espinafres, risotto de cogumelos, batata a murro com legumes e broa, francesinha vegetariana”...

Recorde-se que o B Flat Jazz Clube foi distinguido em 2007 como o melhor clube de música ao vivo do Porto (será que é só do Porto?...). Nos cerca de dezoito anos de existência, apresentou artistas internacionais como Umo Jazz Big Band, Phil Markowitz, Nam, Eli Degibri, Benny Golson, Kris Bauman, Andrzej Olejniczak, Susana Lindborg, Jonas Johansen, Henry Lawther, Edmund Velasco, Ivan Paduart, Jesse Chandler, Abe Rabade, David Binney e Jesus Santandreu. A nível nacional, a maior parte, para não dizer a totalidade, dos principais músicos de jazz e na rubrica «Quintas Alternativa» (um dia dedicado à apresentação de novos valores emergentes): Mind da Gap, Out Break, André Indiana, Tarântula, Clay, Teresa



Gabriel, Repórter Estrábico, The Freak, Submarine, Click, Loopless - Kika, Feed, LF Cool, Mundo Secreto, Ez-Especial, Zoe, Sloppy Joe e Mesa passaram por ali”.

No entanto, o Bd Music não é apenas um seguidor daquele clube e “como a cultura não vive só de música” foi introduzido um novo conceito: o de criar públicos diferenciados, atraídos pelo contacto com noites temáticas. E, se à segunda é «Noite do Teatro», com Luísa Pinto, a trazer não só teatro, mas a palavra em si, com leituras de prosa ou poesia, é ainda o dia propício ao lançamento de livros e debates, pequenos monólogos, mas também entrevistas; à quarta, José Silva cria um convívio-tertúlia em torno do vinho. Baseado no seu programa televisivo «Hora do Baco», convida produtores, enólogos e seleccionadores, respondendo claramente a este novo interesse, pelas camadas mais jovens, em conhecerem um pouco mais sobre vinhos e suas particularidades específicas. À quinta «Rádio Clube de Blues» (www.radioclubedeblues.caster.fm) - do Porto para todo o mundo - blues 24 horas, numa rádio on line. No seguimento da página do facebook «Clube de Blues» que, segundo os responsáveis, está já a ter “um enorme sucesso”, surge uma rádio vocacionada para dar a conhecer o que se faz em Portugal nos blues (novos grupos, discos, concertos, festivais...). Nos últimos anos houve uma subida acentuada de interesse pela música mãe do jazz e do rock. Esta noite é aberta a pequenos concertos, jam-sessions, apresentação de discos, pequenas conferências e essencialmente as histórias, com Nuno Cabral, Luisa Marinho e António Ferro. Os concertos ao vivo - jazz, blues, folk, world music, MPB e música portuguesa - são às sextas e sábados.

Cayo Carpo (o restaurante) aberto de quarta a domingo, das 12h30 às 14 horas e das 20 às 23 horas. Serviço de snack-bar, das 23h30 às 2 horas. Bb Music (Clube de música ao vivo) aberto

de quarta a sábado, das 23h30 às 2 horas. O concerto tem o preço de 5 euros com direito a uma bebida (copo de vinho, cerveja ou bebida de cápsula); ou pode optar pela solução JanteJazz por 20 euros que inclui jantar completo e a entrada para o concerto. Em determinados concertos - designados concertos de prestígio - o valor de entrada, será equacionado caso a caso. Com parque de estacionamento privado, o «Cayo Carpo & Bb Music» situa-se na Rua Roberto Ivens, 547 Matosinhos. Para reservas para o restaurante, os contactos podem ser efectuados para o telemóvel 915962783 ou para o endereço electrónico cayo-carpo@gmail.com; os contactos para o Bd Music são o 935701169 ou dourado.otilia@gmail.com.

## A programação

É já conhecida a agenda dos concertos até ao final do ano. Nos dias 30 e 31 de Outubro, será feita uma viagem pela MPB, da actual música que se pratica no Brasil - Los Hermanos, Marcelo Camelo, Rodrigo Amarante, entre outros - por «Tiago Nacarato & António Ferro» (MPB/MP).

Em Novembro, nos dias 6 e 7, «Fatucha Leite Trio» (Jazz Vocal) conduzirá “uma viagem ao tempo em que ainda havia tempo” com temas de autores como Kurt Weill, Carlos Gardel, Charles Trenet, Edith Piaf e Pixinguinha. Nos dias 13 e 14 é tempo de assistir a «Delta Blues Trio», com Paulo Veloso na guitarra acústica, harmónica e piano e António Ferro no baixo acústico, que percorrerão as raízes dos blues. «Hugo Gama Trio» (Jazz) - saxofonista português que acompanhou ao vivo músicos nacionais como Sérgio Godinho, Vitorino, Paulo de Carvalho, Ena Pá 2000 e Kusondulola - apresentará uma música de fusão estética, onde a improvisação assume um maior destaque. Será nos dias 20 e 21. Na semana seguinte, 27 e 28, o palco será de «João Santos & Alexandre Dahmen» (Jazz Vocal). Este projecto nasce de uma energética e arrojada abordagem textual, munida de composições originais e uma estética urbana cheia de identidade.

É também conhecida a agenda dos concertos de Dezembro: a 4 e 5, Luísa Carvalho (Soul, Jazz & Blues) é a primeira proposta. Luísa Carvalho pratica um Soul Britânico com influências de Acid-Jazz e está rodeada de excelentes músicos, alguns deles ainda ligados aos Trabalhadores do Comércio, ao Rei Pescador e ao Pedro Abrunhosa & os Bandemónio. Nos dias 11 e 12, haverá «Concerto de Prestígio» com Carlos Mendes. O palco nos dias 18 e 19 será preenchido por «Miguel Braga & Diana Basto» (Jazz).



**Miguel Leite**  
divulgador musical

## E se falássemos de música?

**E**ra uma vez um tecnocrata míope que se assemelhava vagamente a um gafanhoto.

Espalmado.

Não sei se já alguma vez viram um gafanhoto espalmado.

Eu já. Na televisão e uma vez em Cascais. Devo dizer que não é uma experiência lá muito agradável.

Ora, mesmo parecendo que não vem nada a propósito, quero contar-vos o que me dizia há dias um amigo meu - sábio de quase 80 anos:

... *"Hoje, o político verdadeiramente eficaz é aquele que perpassa pelos problemas que se lhe deparam sem por eles ser sequer beliscado. É aquele que se desvia habilmente, ora para um lado, ora para o outro, de forma a permanecer incólume no seu lugar, nele perdurando não obstante os problemas e até muito para além destes..."*

Infelizmente vejo-me obrigado a concordar com o seu aguçado poder de análise.

Não quero com isto dizer que hoje não existam no nosso país figuras que ocupam lugares políticos que não tenham a devida conduta correcta, ou seja: **a de servir um povo, um país, uma causa, uma ideia...**

Admito que, apesar de tudo e muito embora em franca minoria, também possam existir.

Não obstante, e para usar uma paráfrase bíblica, certamente concordarão que *"é muito mais fácil fazer passar um camelo pelo buraco de uma agulha"* do que encontrar alguém que esteja hoje na política pelas razões certas.

Mas voltemos ao gafanhoto.

Há que lembrar que o gafanhoto é um insecto polífago (alimenta-se simultaneamente de vários tipos de alimentos).

Por isso não admira que as palavras do Zeca Afonso (1929-1987) possam ter mais acuidade do que a que efectivamente têm: *"Eles comem tudo, eles comem tudo, eles comem tudo e não deixam nada..."*

Depois, convém não esquecer que o gafanhoto é um ovipositor curto, o que por si só lhe dificulta em muito todas as suas tarefas.

(É sem dúvida uma significativa atenuante).

E tem três intestinos, o que também explica muita coisa.

Só assim se compreendem algumas alevisidades que foi excretando ao longo destes anos pelo seu prodigioso e muito enérgico túbulo de Malpighi...



Ilustração de Ricardo Fúza

Ainda assim, e apesar de todas estas considerações aparentemente inúteis, perguntar-se-á: - Afinal o que faz um gafanhoto? Qual é a sua utilidade? Em que consiste a sua vida?

Do ponto de vista musical toda a gente sabe que o gafanhoto é um zero, bem como relativamente a qualquer outra matéria, seja de índole filosófica, sociológica, cultural ou até antropológica.

Por outro lado, sabe-se também que tem muita dificuldade em fixar datas e em efectuar simples operações de aritmética.

O gafanhoto apenas vive, alimenta-se, defeca, e pouco mais...

Não se lhe conhecem obras-primas, nem tias, nem nada.

Ou seja: um gafanhoto não serve para coisa nenhuma.

Então, parafrazeando o saudoso e talentosíssimo Raúl Solnado (1929-2009) ocorre-me perguntar: será o futuro do gafanhoto tornar-se escafandrista em Évora?

Não creio.

Irá emigrar?

Como?

Aos saltinhos?

Teria a sua graça.

O pior é que não nos podemos esquecer que se um gafanhoto incomoda muita gente, meia centena de gafanhotos incomodam muito mais.

E se se tornar numa praga então ainda é muito mais embaraçoso... Até dramático!...

O que me conduz ao pensamento radical, embora imprescindível, de como se deve exterminar um gafanhoto...

Eureka! A solução está nas galinhas!

As galinhas adoram gafanhotos e comem-nos com voracidade.

E usá-las neste caso é apenas uma acção profiláctica e ecológica que a todos beneficia e que respeita integralmente o equilíbrio de todo o ecossistema.

Não prejudica ninguém e até engorda os galináceos.

Finalmente - mesmo não parecendo - e ainda a propósito do gafanhoto, quero citar uns versos que se atribuem a Camilo Castelo Branco (1825-1890), que este eminente escritor terá dedicado a um seu editor - um tal Cruz Coutinho - que aqui relembro apenas de memória e que rezavam mais ou menos assim:

*"Coitado do Cruz, coitado.  
Coitado do Cruz Coutinho.  
Dai-lhe pão e dai-lhe vinho.  
Dai-lhe passeios no Minho!  
Coitado do Cruz, coitado.  
Coitado do Cruz... Coitadinho."*

Claro que neste caso o Cruz Coutinho é obviamente e uma vez mais o gafanhoto.

Mas não-de convir que gafanhoto é uma palavra absolutamente imprópria para versos rimados.

Até porque a única rima que me ocorre é: perdigoto...

Em suma: Para além das eficazes e muito úteis galinhas, apresento ainda outra proposta:

Para aumentarmos gradualmente o nosso produto interno bruto, Portugal deve começar quanto antes a exportar *"rapidamente e em força"* gafanhotos para a China e para a Tailândia, países com vasta tradição gastronómica no consumo destes carnudos insectos da ordem orthoptera.

Estou certo de que com esta progressiva e arrojada acção - em qualquer dos casos - o gafanhoto terá um fim digno: ser comido.



Carlos Tavares

## As músicas que eu sei - XIV

## Os três grandes

**N**ão, caro leitor, não me enganei, esta crónica não é sobre futebol e sobre os clubes que são habitualmente classificados como “grandes”. Aliás, já foram quatro, mas um deles perdeu entretanto esse estatuto. No meu entender, também há na música portuguesa três “equipas” que a marcaram de forma indelével e a fizeram dar saltos qualitativos decisivos.

Nos já longínquos mas musicalmente inigualáveis anos 60, quando todos se deslumbravam - com razão, diga-se - com a criatividade quase sem limites dos ultrafamosos grupos ingleses e americanos que surgiam sem cessar, por cá alguns grupos de jovens lutavam para integrar a língua portuguesa na corrente musical da época. Isso foi conseguido com algum êxito por grupos como “Os Ekos”, “Os Conchas” e o magnífico “Duo Ouro Negro”, este último fazendo ainda a fusão das suas origens africanas com a música de raiz portuguesa continental e com as tendências “pop” da época. Já os excelentes “Sheiks”, dos nossos bem conhecidos Carlos Mendes, Paulo de Carvalho e Fernando Tordo, preferiram, em geral, acompanhar a corrente que vinha de fora e cantavam sobretudo em inglês, embora já com uma maturidade surpreendente. A grande mudança haveria de surgir pela mão de um grupo de jovens liderados por José Cid que, sem fugir às (boas) influências externas, tinha, quer pela estética musical quer pelos temas que cantava, uma matriz genuinamente portuguesa. É conhecida a história de que o famoso programa “Em Órbita”, transmitido diariamente pela FM do Rádio Clube Português e que por opção declarada apenas passava música anglo saxónica, quebrou esse princípio pela primeira vez com a transmissão da “Lenda d’El Rei D. Sebastião” do “Quarteto 1111”. Este foi o arranque para uma carreira notável deste grupo que a composições e arranjos muito avançados na sua época juntou palavras que abordavam temas sociais e políticos de forma corajosa no ambiente político da época. “Domingo em bidonville”, “Dona Vitória”, “João Nada”, “Uma nova forma de encarar o Mundo” ou “Meu irmão” são apenas alguns exemplos dessa nova realidade da música portuguesa. Pelo meio, ainda tiveram disponibilidade para abrilhantar o então excelente Festival da Canção

da RTP com canções como “Balada para Dona Inês” ou “O dia em que o Rei fez anos”. E ainda para produzir uma interessante versão da “Trova do vento que passa” de Adriano e Manuel Alegre. E a tudo isto, juntavam actuações ao vivo também elas inovadoras e sempre surpreendentes, que levavam tanto às grandes cidades como a modestas vilas e aldeias do país. O “Quarteto 1111” não teve, ao que se sabe, uma relação fácil com o poder de então. Mas a sua relação com a música portuguesa e com os jovens - como eu ao tempo - foi de grande afectividade e ficou na memória de várias gerações.

Já em pleno regime democrático um outro grupo protagonizou uma via de originalidade na música portuguesa. “Trovante” foi o seu nome e durante 15 anos foram sempre fazendo canções diferentes - normalmente de João Gil - com poemas de grande qualidade - muitos deles de João Monge - e vestidas com arranjos instrumentais pouco habituais até então, interpretados por um naipe de músicos excepcional. E ainda uma voz - Luís Represas - também de qualidade inabitual num grupo de características “pop” e que se identificava totalmente com o grupo. O “Trovante” era um daqueles casos em que o todo era muito mais do que a soma das partes, tal era a cumplicidade e a complementaridade entre os seus membros. A sucessão dos álbuns “Baile no Bosque”, “Trovante 84”, “Sepes” e “Terra Firme” ilustra bem um percurso de constante busca de ideias novas, do rigor da execução e de sonoridades originais. E os que, como eu, tiveram a oportunidade de ver os seus concertos ao vivo pude-

ram sempre apreciar novas e entusiasman-tes formas de interpretar as canções, transmitindo uma força que as transportava muito para além do registo contido dos discos. Em meu entender, o “Trovante” não teve até hoje quem ocupasse o seu espaço na música portuguesa. Nem mesmo os seus membros isoladamente o conseguiram, já que, como disse, o grupo era muito mais do que o conjunto dos seus músicos. Por isso, ainda arras-tam multidões quando se juntam de vez em quando para reviver o passado.

O meu terceiro “grande” surge já em meados dos anos 80, com a designação original de “Os dias da Madredeus”, mais tarde simplesmente “Madredeus”, liderado por Pedro Ayres de Magalhães. Com uma combinação muito original de instrumentos, juntando a guitarra clássica, o sintetizador, o acordeão, o violoncelo e a lindíssima voz de Teresa Salgueiro, o grupo rapidamente mostrou que estava ali para abrir novos caminhos na música portuguesa, criando um género e uma sonoridade próprios e inconfundíveis. Com “O Espírito da Paz”, álbum de 1994, o Madredeus atinge, em meu entender, o seu ponto mais alto com um sentido estético extraordinário. Na minha memória ficou bem vincada a abertura do primeiro concerto a que assisti, numa noite quente de verão no auditório de Portimão ao ar livre e onde o grupo estreou “O Espírito da Paz”. Logo aos primeiros acordes das guitarras no “Concertino” fiquei rendido àquele som que em diversos momentos tocava a música erudita, mas sempre em português e sempre muito belo. Por isso, não surpreendeu a extraordinária carreira internacional do Madredeus, enchendo salas e vendendo discos em praticamente todos os continentes. Depois deste apogeu, vieram as saídas e as entradas de músicos do grupo que tem passado por várias “incarnações”, mas em meu entender sem nunca mais voltar aos níveis de originalidade, beleza e quase perfeição de “O Espírito da Paz”. Estes são, para mim os três grandes da música portuguesa, quando falamos de música de grupos. Não significa que não tenha havido e não haja muitos outros de grande qualidade. Mas, tal como no futebol, estes são os grandes porque foram campeões.





**Laura Henriques**  
 investigadora, doutorada  
 em Ciências da Comunicação

## Conheça as vantagens dos trabalhos manuais

### - Périplo pela sua história e a constatação dos seus benefícios -

**O**s trabalhos manuais são uma enorme mais-valia na educação de qualquer ser humano. Eles tornam-se realidade, não só pela aprendizagem - (desde pequenos recortes em papel até à feitura de pequenas/grandes obras de arte) - mas também pelo conhecimento dos materiais e seu manuseamento. São, sem dúvida, um elemento fundamental em qualquer processo de aprendizagem. Pena é que muitas vezes seja colocado em "segundo plano" em relação a outras disciplinas.

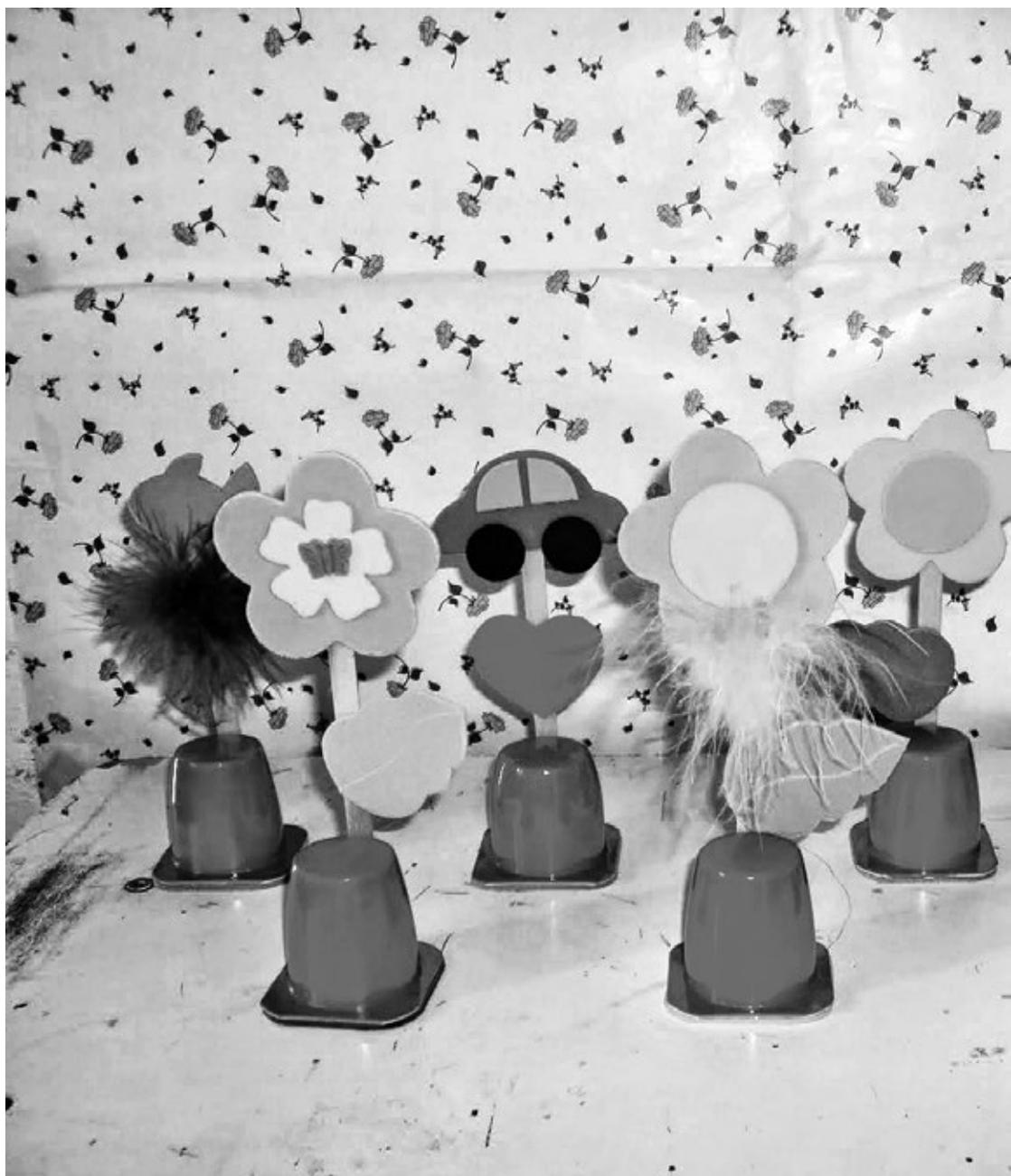
Vejamos em primeiro lugar o seu percurso histórico, para podermos entender melhor esta manifestação manual e também artística.

A introdução dos trabalhos manuais na escola foi preconizada por grandes percursoros da pedagogia moderna, nomeadamente: Lutero, Coménio, Locke, Rousseau, Pestalozzi, marcando assim uma data fundamental na história da educação.

Os trabalhos manuais foram então considerados "...como um dos mais poderosos agentes educativos, destinados a renovar não só os métodos, mas o próprio espírito da escola" (Faria de Vasconcelos), sendo que a "... pedagogia contemporânea vê neles mais do que uma ocupação, uma disciplina de estudos; considera-os como um princípio de educação". Também Ferrière no 1.º Congresso Internacional de Pedologia realizado em Bruxelas declarou em termos claros e definitivos o que considerava ser as enormes vantagens dos trabalhos manuais, pois os mesmos asseguram o progresso corporal, psicológico e social das crianças, tornando-os posteriormente seres humanos integrais.

No que diz respeito ao progresso físico/corporal, eles satisfazem a necessidade de movimento da criança, aumentando ainda a força e a flexibilidade musculares, dando às energias musculares o seu destino natural: o de adaptar o indivíduo ao meio, e o meio ao indivíduo. Para além disso, desenvolvem conhecimentos de ordem física (propriedades da matéria) de ordem industrial elementar, na transformação da matéria em objectos úteis, e ainda os conhecimentos acerca dos meios industriais, neste caso, os instrumentos que maneja.

Quanto ao progresso psicológico, ele vai no sentido de dois aspectos fundamentais: um, o progresso das faculdades intelectuais, e outro, o progresso das faculdades em geral. Na primeira, o progresso vai no sentido da observação (habitua-se a ver, a medir e a calcular com exactidão); da associação (associando a ac-



ção muscular ao esforço cerebral, provocando comparações); imaginação (ver antecipadamente o objecto que há que fabricar, debuxar e seguidamente confeccionar); reflexão (inculcar o método científico e a razão do papel da ciência na vida: ligação da teoria à prática). No segundo aspecto, são asseguradas a coordenação das faculdades em geral, onde intervêm to-

dos os sentidos, órgãos e funções do espírito); a adaptação do meio ao indivíduo (fundamental o espírito inventivo, seja para criar objectos, seja para triunfar das dificuldades que se apresentam).

No respeitante ao progresso social, ele tem a ver com o progresso das faculdades individuais, que fazem do homem um valor social, e também moral.



Ainda a este propósito Faria de Vasconcelos, apresenta as seguintes vantagens do trabalho manual: "Desenvolve a sinceridade, porque se trata de trabalho concreto, logo não existe mentira possível, portanto nada para ocultar - está bem ou mal feito; fomenta o orgulho legítimo e são, dão segurança e consciência de si; inculca a estima do trabalhador manual, le-

vando a criança a perceber, que o conhecimento e a prática de um ofício é tão importante como as teorias mais eloquentes; tendo as actividades físicas uma repercussão sobre as psíquicas, o trabalho manual influi sobre a formação do carácter.

Destas vantagens, podemos concluir, serem os trabalhos manuais uma verdadeira escola de cultura moral".

Continuando o nosso périplo pela história dos trabalhos manuais, destacamos a existência dos seus mais diferentes sistemas no norte da Europa, nomeadamente: *slöjd*, sistema Dewey, sistema Tadd, método de Nåas e sistema industrial.

O *slöjd* é um trabalho manual educativo de origem finlandesa. Foi graças à Finlândia e aos esforços de Uno Cygnaeus que pertence a honra de ter sido reconhecido, antes de qualquer outro país, o valor pedagógico dos trabalhos manuais, bem como o de o haver implantado nas escolas primárias. Deste modo, levaram à prática os ideais dos grandes percursores da pedagogia moderna, já atrás citados. Foi também este país, o criador de uma lei escolar, determinando que os trabalhos manuais fizessem parte do programa obrigatório das escolas primárias e das escolas normais. Para tal contribuíram também as ideias e os ideais do já citado Uno Cygnaeus:

" - O trabalho manual na escola não tem a ver com a aprendizagem de qualquer ofício, mas sim formar alunos hábeis;

- o trabalho manual deve ocupar o mesmo lugar que outra qualquer disciplina, pois é tão importante como o trabalho intelectual;

- o trabalho manual deve ser um trabalho verdadeiro, e não um simples jogo;

- o ensino desta disciplina deve estar a cargo de uma pessoa com preparação pedagógica e não de um artesão".

Verifica-se, deste modo, que os trabalhos manuais são um meio de educação geral com fins exclusivamente educativos.

Através da resenha histórica acerca dos trabalhos manuais, podemos constatar que noutros países do norte da Europa, como a Suécia, Noruega, Dinamarca e Islândia, existia desde tempos remotos uma verdadeira "indústria doméstica", pois fabricava-se em casa quase tudo o que era necessário, trabalho este que era conhecido como já atrás ficou dito - *slöjd* - que significa trabalho manual doméstico, executado nos momentos de ócio, fora das ocupações profissionais ordinárias.

Com a introdução das máquinas, com a facilidade das vias de comunicação que tornou os artigos mais baratos, este tipo de trabalho quase acabou. Era pois necessário reequacionar este problema. Fundaram-se assim sociedades de fomento da indústria doméstica, e ao mesmo tempo foram criadas escolas especiais para aprendizagem de ofícios, com vista à indústria doméstica. Estas medidas não deram resultado e foi necessário, como solução, incentivar as gerações mais novas, introduzindo os trabalhos manuais na escola primária.

De referenciar que na Suécia este tipo de trabalho

teve um grande impulso e foi muito consagrado com o famoso *método* de Nåas. Fundado por Augusto Abrahamson, notável e rico homem de negócios, fundou uma escola de *slöjd* para rapazes, em 1872, e dois anos mais tarde fundou outra para raparigas. Era a primeira escola de Nåas. Posteriormente, Abrahamson fundou outras escolas, nomeadamente uma escola de aprendizagem, em 1877, e depois a Escola Normal de Nåas. Deste modo o *slöjd*, como sistema e como método adquiriu, valor pedagógico através dos estudos e experiências realizadas em Nåas por Otto Salomón, sobrinho e colaborador de Abrahamson.

Quanto ao Sistema de John Dewey, cabe referir que estabelece os trabalhos manuais sobre uma nova base. Para se conhecer o seu método é necessário conhecer as características da sua pedagogia: é dinâmica, porque desperta e dirige todas as actividades inatas; é genética, tendo em conta que a criança deve elevar-se do interior e não ser formado nem modelado do exterior; funcional, porque considera os processos mentais como instrumentos destinados a manter a vida, como funções vitais e não como processos em si mesmos; social, porque o indivíduo é membro de uma sociedade, logo, há que prepará-lo para que tenha uma função útil na comunidade. De acordo com estas características, Dewey constatou que os trabalhos manuais vão ao encontro das mesmas.

Para este pedagogo, os trabalhos manuais devem constituir o centro da vida escolar, até porque, não é uma ocupação mas um princípio de educação; o seu objectivo não é fazer uma carreira profissional, eles são sim um método de vida.

O Sistema Artístico de Tadd, tende a satisfazer as tendências estéticas ao lado das tendências utilitárias.

Quanto ao Sistema Industrial, ele pretende dar aos trabalhos manuais na escola primária um carácter profissional, porque os seus adeptos consideram que a escola deve preparar para a vida.

No entanto, Faria de Vasconcelos considera que: "Introduzir na escola primária a aprendizagem de ofícios, dar ao ensino um carácter profissional, é violar o fim da escola primária, é desviá-la da sua verdadeira missão, é transformá-la de escola de cultura geral em escola especial".

Para este pedagogo é ainda muito claro a enorme importância dos trabalhos manuais, até porque ao fazer intervir a inteligência prática e a inteligência crítica, os trabalhos manuais inculcam o método científico, tornando-se assim excelentes agentes de cultura integral.

Actualmente, os trabalhos manuais são canalizados para as crianças hiperactivas e com défice de atenção, fazendo assim parte da Educação Especial. Os próprios trabalhos manuais passaram, juntamente com a educação visual, a fazer parte de uma nova disciplina, a educação visual e tecnológica. Mas, parafraseando o já citado pedagogo Faria de Vasconcelos, "... se as actividades físicas têm repercussão sobre as psíquicas, o trabalho manual influi sobre a formação do carácter".

Então, que estamos a fazer com as novas gerações? Fica a pergunta.



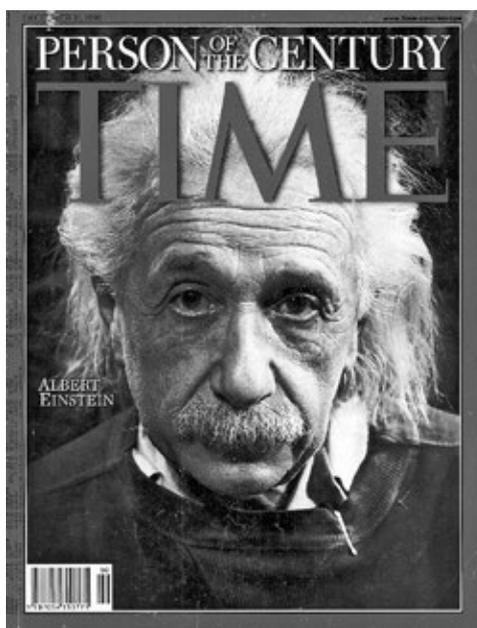
Carlos Fiolhais  
tcarlos@ucp.pt

# A estranha natureza da luz

**A** luz tem duas caras: tanto aparece na forma de partícula como na forma de onda. Uma maneira de descrever esse seu comportamento dual consiste em dizer que viaja como uma onda mas é observada como uma partícula ou grão de luz, ao qual se deu o nome de fóton. A teoria quântica permite conciliar esses dois aspectos aparentemente contrários, pois uma onda está espalhada por todo o lado ao passo que uma partícula está localizada num ponto do espaço.

Para o físico inglês Isaac Newton, que há 350 anos começou a fazer experiências de óptica, aproveitando a luz que lhe entrava pela janela do quarto e um prisma, a luz era formada por partículas. Pois não se sabia desde a antiguidade que os raios, fossem eles do Sol ou de outra fonte, viajam em linha recta, como é próprio de um projectil? Para o grande sábio inglês a luz branca era desdobrada em luz de várias cores no interior do prisma simplesmente porque ela era composta por corpúsculos de tamanhos diferentes. Os maiores viajavam mais lentamente no vidro, ao passo que os menores viajavam mais rapidamente. As cores do arco-íris que apareciam no vidro e continuava quando o feixe saía estavam associadas ao diferente tamanho das partículas. Newton acertou em cheio quando afirmou que o branco tinha todas as cores e quando explicou o desdobramento das cores pela diferente velocidade das partículas, embora tivesse falhado quando imaginou partículas de diferentes tamanhos.

A teoria corpuscular da luz foi contraditada por grandes sábios da época como o inglês Robert Hooke, que escreveu a Newton apontando inconsistências à teoria newtoniana. Foi numa resposta que Newton escreveu a sua famosa frase: "Se consegui ver mais longe foi porque estava aos ombros de gigantes". Os historiadores de ciência ainda hoje não sabem se era uma metáfora sobre a construção da ciência ou se era antes um dito jocoso, dada a pequena estatura de Hooke. A autoridade de Newton, que foi durante muitos anos presidente da Royal Society de Londres, parecia ter imposto de início o conceito corpuscular de luz mas o fenómeno da difracção observado no mesmo ano de 1665, quando Newton criava o arco-íris em sua casa, por um padre jesuíta em Bolonha, o italiano Francesco Grimaldi, continha em si uma crítica muito forte à teoria de Newton. A difracção consiste no espalhamento da luz quando ela atravessa um pequeno orifício. Um projectil iria simplesmente a direito, mas a luz,



como é próprio de uma onda, espalha-se nessa circunstância em todas as direcções.

Porém, só no início do século XIX a teoria de Newton foi descartada. Uma experiência com passagem de luz por dois orifícios efectuada pelo médico inglês Thomas Young mostrava, sem apelo nem agravo, que a luz era um fenómeno ondulatório. Verifica-se não apenas difracção em cada orifício, mas também interferência - isto é, sobreposição construtiva ou destrutiva - da luz que provinha dos dois. Há 200 anos o francês Augustin-Jean Fresnel descrevia matematicamente as ondas de luz, que se manifestavam na experiência de Grimaldi ou de Young. Mas uma onda é a propagação de uma perturbação de alguma coisa? O quê? Há 150 anos, o escocês James Clerk Maxwell, num golpe de génio, esclareceu que ondas eram essas: eram perturbações dos campos eléctrico e magnético, sempre associados um ao outro. A luz eram ondas electromagnéticas. O alemão Hienrich Hertz mostrou no seu laboratório, alguns anos volvidos, que era possível emitir e recolher luz invisível de comprimento de onda muito maior do que a luz visível. Essas ondas foram chamadas ondas hertzianas ou ondas de rádio. Parecia que a teoria corpuscular de Newton estava morta e enterrada.

Mas, em 1905, o físico suíço Albert Einstein havia de a ressuscitar. Ao tentar interpretar um outro fenómeno estudado por Hertz, sem relação directa com as ondas hertzianas, chegou à conclusão que a luz é afinal formada por partículas. O fenómeno era o efeito fotoelétrico.

Luz invisível muito energética conhecida por luz ultravioleta, ao incidir numa placa metálica, conseguia arrancar electrões que fechavam um circuito: de algum modo a energia da luz era convertida em energia eléctrica. O choque da luz com os electrões só podia ser explicado pensando que um grão de luz batia num electrão. Não foi Einstein que chamou fótons a esses grãos, mas sim mais tarde o químico norte-americano Gilbert Lewis. Einstein chamou-lhes, em alemão, Lichtquanta (quantidades de luz). A palavra quanta é o plural de quantum, que significa quantidades. O conceito de quanta tinha sido introduzido em 1900 pelo alemão Max Planck ao descrever o chamado "problema do corpo negro", a distribuição da intensidade da radiação dentro de um forno aquecido pelo conjunto de comprimentos de onda. Planck, embora de forma algo relutante, propôs a extraordinária hipótese quântica: a luz é emitida ou absorvida pelas paredes do forno em quantidades discretas, os tais quanta ou pacotes de luz. Mas Einstein foi mais longe, ao afirmar que a luz não só era emitida e absorvida em pacotes, mas também existia em pacotes, ou pelo menos manifestava-se em pacotes noutras circunstâncias, designadamente quando interagia com electrões. Ganhou o Prémio Nobel da Física de 1921 por essa sua hipótese.

Eisntein estava certo e agora só faltava conciliar os opostos, isto é, desenvolver uma teoria consistente que permitia explicar o carácter dual da luz. A teoria iniciada por Planck e Einstein acabou por fazer o seu caminho, ficando pronta em 1926, com artigos do alemão Werner Heisenberg e pelo austríaco Erwin Schrodinger. A teoria quântica permite-nos hoje descever a luz e a interacção da luz com a matéria. Pode parecer esquizofrénico, mas a luz é por vezes partícula - o fóton - e, por vezes, onda. Tudo depende do dispositivo e do modo de observação.

O físico português José Tinto de Mendonça, no seu recente livro "Uma biografia da luz. Ou a triste história do fóton cansado" (Gradiva, Colecção Ciência Aberta, n.º 211) fala assim da estranha natureza da luz: "Há nomes de pessoas que são estereótipos de esquizofrenia: Ortega y Gasset, Costa e Silva, Cotton-Mouton ou Cohen-Tannoudji, o sábio de Tunes. Dois personagens numa só pessoa. O mesmo dilema se encontra na luz, que não sabe se é onda ou se é partícula. E tem que ser as duas coisas ao mesmo tempo".

Fórum do Futuro

# Heterónimos e avatares da felicidade

Câmara do Porto, Serralves, Casa da Música, Teatro Nacional de São João e Universidade do Porto uniram-se pelo segundo ano consecutivo e fazem acontecer o Fórum do Futuro. Cinco dias para respirar na Invicta o “festival do pensamento”, como o definiu Paulo Cunha e Silva, vereador do Pelouro da Cultura e nome cimeiro desta iniciativa. A felicidade é o mote para que, de 4 a 8 de Novembro, se vaticine o seu futuro, nas suas múltiplas valências.

MARIA JOSÉ GUEDES

Defendemos o Fórum do Futuro como epílogo da reflexão crítica, e pública, em torno dos temas que orientam a actividade do Pelouro da Cultura da CM do Porto ao longo do ano. Palavras de Paulo Cunha e Silva, durante a apresentação do «festival do pensamento», que vai ocupar as salas do Rivoli, da Casa da Música, Serralves e do Teatro Nacional de São João. A palavra-chave deste ano é Felicidade, e para dela falar, o Porto vai receber cientistas, filósofos, artistas, arquitectos, músicos..., isto é um vasto leque de personalidades locais, nacionais e internacionais que vão convocar o futuro da felicidade. Neste que é o ano internacional da Luz, e marca ainda o calendário, o século que passa sobre a teoria de Einstein, o nome escolhido para a abertura do Fórum é o de John C. Mather, que em 2006 foi distinguido com o Nobel da Física. “Felicidade, luz e os segredos do Universo”, é o tema que o astrofísico responsável pela coordenação do Telescópio Espacial James Webb, se propõe dissertar. A defesa da teoria sobre vida além Terra, promete apaixonar mesmo os mais sépticos. “Não estaremos, muito provavelmente, sozinhos, ainda que por serem tão difíceis de encontrar, seja altamente provável o quão longínquos estamos de outras civilizações inteligentes”. (...) “Talvez sejamos capazes de descobrir o que nos falta para poder criar vida num outro sistema. E, num futuro muito distante, poderemos até conceber inteligência artificial que seja capaz de viajar, ou ajudar-nos a viajar, até sistemas solares distantes e, assim, povoar por inteiro a galáxia” diz John C. Mather, que vai estar acompanhado por Orfeu Bertolami e Carlos Fiolhais. São quase 50 nomes salpicados por 20 sessões que completam os cinco dias em que este Porto, como sublinha Paulo Cunha e Silva, se manifesta mais vincadamente como “internacionalmente inscrito como cidade produtora de conhecimento, de liberdade crítica, provocadora de novas ideias e caminhos de pensamento”. Na mesma linha de pensamento, Sebastião Feyo de Azevedo,

Reitor da Universidade do Porto, instituição que está novamente de mãos-dadas com este projecto, não concebe a felicidade sem conhecimento, embora “não seja a sua única fonte”. “A interdisciplinaridade dos saberes, bem como a produção do conhecimento científico, tecnológico, artístico e criativo, é responsabilidade de todos os que querem entender a realidade. Há o dever cívico de partilhar o conhecimento”. Também Rui Moreira, presidente da Câmara do Porto considera que a “cultura e conhecimento são condimentos essenciais para a felicidade”. Os debates vão ser protagonizados por interlocutores com experiências sociais “ímpares impulsionadoras de justiça e bem-estar social (...)”, assim, “durante cinco dias intensos de Fórum vamos pensar os desígnios desconhecidos e imprevisíveis (e simultaneamente inauditos) dos “dias que não-de vir”, do l’avenir de que Jacques Derrida nos falava e que opunha a uma ideia de Futuro meramente previsível”, sentenciou Paulo Cunha e Silva. Caixa



## Programa

### 4 Novembro

**21h30**, Grande Auditório Manoel de Oliveira - TMRivoli  
Felicidade, luz e os segredos do universo (Abertura)  
John C. Mather  
Com Orfeu Bertolini e Carlos Fiolhais  
**18h30**, Museu de Serralves - Auditório  
A Felicidade Sem Título  
Wolfgang Tillmans com Suzanne Cotter

### 5 Novembro

**16h30** Auditório Isabel Alves Costa - TMRivoli  
A expansão dos círculos Amorosos  
Aaron Ahuvia com Ricardo Cayolla  
**18h30** - Grande Auditório Manoel de Oliveira  
Arquitectura emocional e de proximidade  
Bijoy Jain com Eduardo Souto Moura  
**21h30** - Grande Auditório Manoel de Oliveira - TMRivoli  
O prazer na Arte  
Sasha Grey com Julião Sarmento

### 6 Novembro

**16h30** - Auditório Isabel Alves Costa - TMRivoli  
Os arquivos como lugar de consciência  
Mirko Zardini com Roberto Cremascoli e Inês Moreira  
**18h30** Sala 2 - Casa da Música  
A música como caminho para a felicidade.  
Haverá um final feliz?  
Paul Griffiths, Matt Peacock com João Teixeira Lopes  
**18h30** - Café Concerto - TMRivoli  
Práticas artísticas em paisagens urbanas  
Pierre Sauvageot, Francesco Careri, Alexander Gerner,  
Carlos Martins com José Luís Ferreira  
(o programa prossegue com encontros no sábado 7 de  
Novembro no espaço Mira)  
**21h30** - Grande Auditório Manoel de Oliveira - Rivoli  
Untitled 2005 (tomorrow is in our tongue,  
as today pass from our lips)  
Rirkrit Tiravanija, Kreemart com Gabriela Vaz Pinheiro  
**23h30** - Auditório Isabel Alves Costa - Rivoli  
O Corpo e a Temperatura da felicidade  
- um ensaio termográfico  
Afonso Pinhão Ferreira, Joaquim Gabriel Mendes  
com Miguel Pais Clemente  
Performance de Janina Khemlik

### 7 de Novembro

**14h30** - Grande Auditório Manoel de Oliveira  
A Religião, a Ciência e a Política: estratégias da Fé  
na busca da Felicidade  
Alexandre Quintanilha  
com P. Anselmo Borges e Paulo Rangel  
**16h30** - Auditório Isabel Alves Costa  
Arquitecturas colaborativas  
Santiago Cirugeda  
**16h00** - Teatro Nacional São João  
Teatro(s) da felicidade  
Projectão de excerto de O TIO VÂNIA,  
de Anton Tchekhov, e intervenções  
de Pedro Mexia e Nuno Carinhas  
Conferência: Frederico Lourenço  
Matilde Campilho  
Sousa Dias com Pedro Sobrado  
**18h30** - Grande Auditório Manoel de Oliveira  
Da Floresta Negra ao Oásis: a responsabilidade  
social no trajeto da felicidade  
Phylips Lambert com António Mexia  
e António Gomes Pinho  
**21h30** - Grande Auditório Manoel de Oliveira - Rivoli  
Os desafios da felicidade  
na sociedade de hiperconsumo  
Gilles Lipovetsky com Fátima Vieira  
**23h30** - Understage - Rivoli  
Reformulation  
Florian Hecker

### 8 Novembro

**16h30** - Auditório Isabel Alves Costa - Rivoli  
O arquitecto como agente da felicidade.  
Camilo Rebelo, Pedro Bandeira, MiMa Virgula  
**18h30** - Auditório Isabel Alves Costa - Rivoli  
Parecemos tão felizes, não é? As práticas participativas  
contemporâneas, a felicidade social e os seus limites  
Nino Carpentier com José Bragança de Miranda  
**21h30** - Grande Auditório Manoel de Oliveira - Rivoli  
A conferência feliz  
Stefan Sagmeister com Guta Moura Guedes

## Milcho Manchevski homenageado no 36.º Fantas

No Sector Retrospectivo da próxima edição do Fantasporto, para além de outras novidades, o destaque vai para a mostra/homenagem dedicada à obra do realizador de origem macedónia, Milcho Manchevski, desconhecido em Portugal. O realizador, argumentista, fotógrafo, escritor e conferencista, Milcho Manchevski foi multi-premiado em numerosos festivais e nomeado para os maiores prémios do Cinema, tendo sido embaixador da Cultura da Macedónia em 2007. A sua primeira longa-metragem, «Before the Rain», foi nomeada para os Óscares, venceu o Leão de Ouro do Festival de Veneza em 1995 e ainda o Prémio da Fipresci. Daí fez o circuito por outros festivais por todo o mundo, acumulando dezenas de prémios, nomeadamente o prémio da Unesco em 1995, em São Petersburgo, São Paulo, ou Estocolmo. Recebeu ainda o Independent Spirit Award 1996 para o Melhor Filme Estrangeiro. A obra-prima «Before the Rain» será apresentada na Sessão de Encerramento do Fantasporto de 2016, na presença do realizador. Este virá ao Porto realizar dois workshops, apresentar a sua obra e receber o prémio de carreira Fantasporto. A 36.ª edição do Fantasporto - Festival Internacional de Cinema do Porto, decorrerá entre os dias 26 de Fevereiro e 5 Março de 2016 no Teatro Municipal Rivoli.

## Intervenção de restauro da Igreja de Avantos

Está em fase de arranque a intervenção na Igreja Paroquial de Santo André - Igreja Matriz de Avantos, no concelho de Mirandela, integrada no plano de Aproveitamento Hidroelétrico de Foz Tua. O projecto, orçado em 130 mil euros, prevê a reabilitação das coberturas, paramentos interiores e exteriores, instalação eléctrica e todo o património integrado da capela-mor. Imóvel de Interesse Público desde 1986, na Igreja de Avantos destacam-se o campanário e, no interior, a talha dourada dos altares, o púlpito e o arco cruzeiro.

## Abertas inscrições para o 25.º Colóquio da Lusofonia

Estão abertas as inscrições para o 25.º Colóquio da Lusofonia que se realizará em Montalegre de 22 a 25 de Abril de 2016. Informações em <http://lusofonias.com.sapo.pt/>

## Concerto de «A Kind Of Zo»

O que acontece quando um pianista clássico, que gosta de jazz e de música improvisada (Paulo Mesquita) se junta a um baterista proveniente da pop, mas com um especial interesse pelo experimentalismo electroacústico (Pedro Oliveira)? Acontece o que ouvimos neste tão surpreendente quanto cativante disco de estreia do duo «Ozo». Não se pense, porém, que o que apresentam é o simples cruzamento do que já antes faziam: a música resultante demarca-se da especialização de Mesquita na linguagem e nos processos de certa música erudita americana ou do que ouvimos de Oliveira com o já bem conhecido grupo «Peixe: Avião» e na sua colaboração com «Old Jerusalem». O foco está no ritmo. Os temas seguem o formato da canção, mas se tal significa que há afirmativas abordagens melódicas, o destaque vai para o trabalho harmónico. Por sua vez, os desenvolvimentos narrativos e a permanente dramatização sonora remetem-nos para Erik Satie e para os impressionistas e, no entanto, trata-se de algo que só poderia existir nos dias de hoje.

A Fundação Dionísio Pinheiro e Alice Cardoso Pinheiro, em Águeda, recebe o duo «Ozo» para o concerto «A Kind Of Zo» de final de ano, que terá lugar na Sala de Pintura Portuguesa do Museu da Fundação a 28 de Novembro, pelas 22 horas. As reservas terão de ser efectuadas antecipadamente ([conservador.museu@fundacaodionisiopinheiro.pt](mailto:conservador.museu@fundacaodionisiopinheiro.pt); 913333000, 910950277; 234623720. Mais informações em <https://www.facebook.com/events/1018081314879005/>)

## Deuses, Donzelas, Destinos no Teatro da Vilarinha

O Pé de Vento leva à cena, no Teatro da Vilarinha, no Porto, «Deuses, Donzelas, Destinos - História de uma princesa chamada Europa» até 15 de Novembro, sábados e domingos às 16 horas. Com dramaturgia de Maria João Reynaud, a peça tem encenação e interpretação de Patrícia Queirós. O espectáculo está disponível para o público escolar até 13 de Novembro, de terça a sexta-feira, às 11 e às 15 horas (outros horários a combinar); a sala tem capacidade para 106 alunos. Com duração de 50 minutos, a apresentação é seguida de debate.

## Continua o 6.º Ciclo de Cinema da SRNOM

A Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos leva a cabo o seu 6.º Ciclo de Cinema, com o tema «Pela estrada fora, Outono adentro...». Uma selecção de clássicos do cinema moderno, com entrada livre, aberta ao público e em pleno coração da cidade, no Centro de Cultura e Congressos da SRNOM. As sessões iniciam-se às 21h15 com uma breve apresentação do filme e terminam com uma tertúlia. Assim, amanhã (29 de Outubro) será apresentado «Paris, Texas», de Wim Wenders (1984). Em Novembro, o primeiro filme será «The Straight Story» («Uma História Simples»), de David Lynch (1999); «O Brother, Where Art Thou?» («Irmão, Onde Estás?»), de Joel e Ethan Coen (2000) será apresentado a 10 de Novembro. Uma semana depois, dia 19 de Novembro, será projectado «The Darjeeling Limited» («The Darjeeling Limited»), de Wes Anderson (2007).

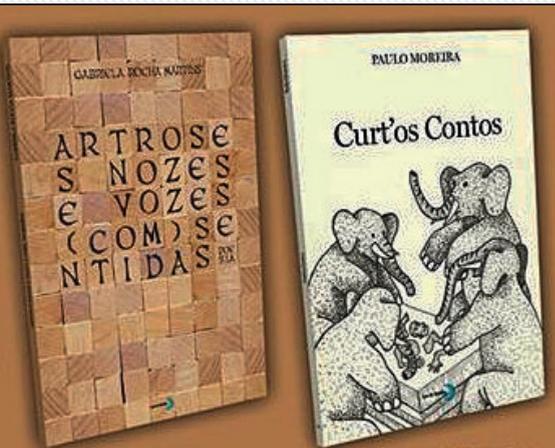
O ciclo de cinema tem organização da Comissão Regional Consultiva de Actividades Culturais e de Lazer da SRNOM e coordenação de António Vieira Lopes.

## Workshop sobre técnica mista

A programação de Outubro da TEIA - V Bienal de Poesia Concelho de Silves termina com o encerramento da exposição «Cumplicidades», no dia 30, pelas 21h30. A sessão contempla o workshop «Técnica mista - que expressão plástica é esta?», pelos artistas plásticos Manuel Carvalho e Silvestre Raposo. Recorde-se que esta mostra, que estará patente na Casa Museu, reúne trabalhos do Grupo 9, composto por Chi Pardelinha, Florentina Resende, Manuel Carvalho, Manuela Taxa, Maria Rafael, Marta de Aguiar, Paulo Medeiros, Sérgio Reis, Silvestre Raposo, Marília Resende e Hermínia Cândido.

## Eurocidade Chaves-Verín

A Região Norte de Portugal sobe ao pódio dos RegioStars pelo terceiro ano consecutivo. Na edição de 2015 foi a vez do projecto de cooperação transfronteiriço entre Chaves e Verín, enquadrado na categoria «CityStar», consolidar o Norte como uma região RegioStar. Organizados desde 2008 pela Comissão Europeia, os RegioStars distinguem iniciativas inovadoras à escala regional.



## Novo livro de Gabriela Rocha Martins

O lançamento dos livros «Artroses nozes e vozes (com)sentidas», de Gabriela Rocha Martins, e «Curt'os Contos», de Paulo Moreira, terão lugar no próximo sábado, 31 de Outubro, às 16h30, na Livraria Lua de Marfim, na Amadora. A apresentação estará a cargo de Samuel Pimenta.

## «Neva» em estreia no TeCA

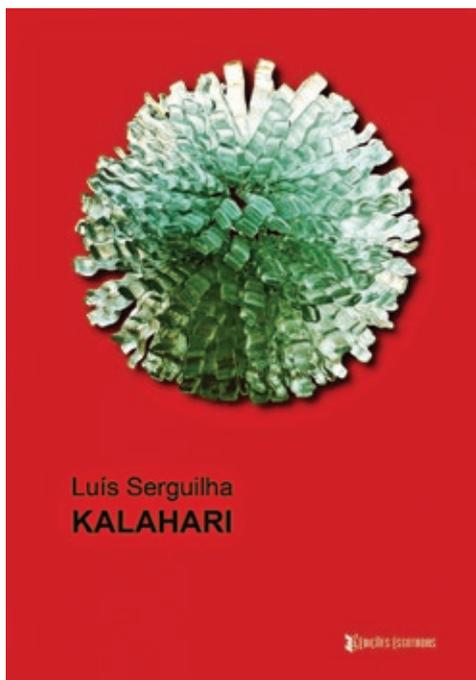
“Um grupo de actores ensaia uma peça de Tchekhov num teatro de São Petersburgo. Lá fora, os oficiais do czar disparam contra o povo, que marcha para melhorar as suas condições de vida. É Janeiro de 1905 e, no Inverno, a margem do Neva é impossível de imaginar”. É assim que o chileno Guillermo Calderón começa por descrever o seu texto multipremiado que sobe agora ao palco do Teatro Carlos Alberto (TeCA), no Porto. Com encenação de João Reis, «Neva» é uma estreia absoluta e está em cena a partir de amanhã, 29 de Outubro, até 15 de Novembro (quarta-feira: 19h00; quinta-feira a sábado: 21h00; domingo: 16h00).

## Prémios PEN 2015

Os Prémios PEN para as obras publicadas no ano de 2014 já são conhecidos. Na categoria Poesia venceram 'ex-aeque' Isabel Mendes Ferreira, com «O Tempo é Renda», e Luís Quintais, com «O Vidro». Mário de Carvalho venceu o prémio na categoria Ensaio pelo seu «Quem Disse o Contrário é Porque Tem Razão» e na de Narrativa foi Paulo Varela Gomes, com «Hotel». A categoria «Primeira Obra» premiou, também 'ex-aequo', Gabriela Ruivo Trindade (Narrativa), por «Uma Outra Voz», e Susana João Carvalho (Ensaio), com «António Lobo Antunes: A Desordem Natural do Olhar».

## Apresentação de «Kalahari»

A apresentação da obra de Luís Serguilha «Kalahari» terá lugar no próximo dia 31 de Outubro, no Ate-neu Comercial do Porto, pelas 15h30. Ao poeta e ensaísta Fernando Castro Branco caberá fazer a apresentação da obra.



Luís Serguilha  
KALAHARI

## Homenagem às carquejeiras do Porto na Bonjóia

Os já tradicionais Serões da Bonjóia têm amanhã uma sessão dedicada às carquejeiras do Porto. Será “mais uma homenagem a essas figuras ignoradas, silenciosas e silenciadas que fizeram parte da história cívica e social da cidade”, promovida pela Associação Homenagem às Carquejeiras do Porto e inserida no ciclo do Património. A sessão conta com a colaboração de Helder Pacheco e do Rancho Folclórico do Porto. As sessões de Novembro começam com Manuel Barros, no Ciclo da Ciência, para abordar o tema «A Física no Diagnóstico Médico». Será no dia 5. A 12, Luís Leal debruçar-se-á sobre «Padre Américo - uma Obra a (re)conhecer, um Pensamento a (re)visitar», no Ciclo da Cidadania. O Ciclo das Artes, no dia 19, contará com Margarida Santos e Libânia Madureira para a palestra «A Arte e a Palavra da Escultora Margarida Santos». «Ainda não tive tempo - 7 passos para ser mais produtivo com menos disciplina», do Ciclo da Sociedade, será abordado, a 26, por Gonçalo Gil Mata. As sessões têm início às 21h15, com entrada livre, na Quinta de Bonjóia, no Porto.

## Ricardo Mota é o Prémio Agustina Bessa-Luís 2015

Com o romance «Fredo», o psicólogo de 28 anos Ricardo Daniel Fonseca Mota sagrou-se o vencedor da 8.ª edição do Prémio Literário Revelação Agustina Bessa-Luís, por unanimidade do júri, presidido por Guilherme D'Oliveira Martins. O Prémio foi instituído, pela primeira vez, em 2008, pela Estoril Sol, no quadro das comemorações do cinquentenário da empresa.

## 3.ª edição do prémio Books & Movies

O Município de Alcobça institui, pela 3.ª vez consecutiva, o Prémio Internacional Books & Movies com o objectivo de estimular, divulgar e premiar a criatividade no âmbito do roteiro de viagens, escrito ou filmado. A data limite de entrega dos trabalhos é 31 de Março de 2016 e a atribuição do prémio será feita na 3.ª edição do Festival Books & Movies que decorrerá de 10 a 16 de Outubro de 2016. Nesta edição, serão analisados trabalhos, roteiros ou curtas-metragens em formato de vídeo subordinados ao tema «Alcobça - Dê Lugar ao Amor».

## 14 anos de Quintas de Leitura

A acção poética das Quintas de Leitura assinala 14 anos na sessão de Novembro, dia 19. Esta festa da poesia, sob o nome «A poesia perdeu um cotovelo na guerra» e cuja imagem é uma criação de JAS, realiza-se no Teatro Municipal Campo Alegre (Porto), a partir das 22 horas. “14 anos ao serviço da palavra dos nossos poetas, 14 anos ao serviço da Língua Portuguesa, no nosso maior património”, como escrevem os organizadores e responsáveis pelo Ciclo de Poesia. Durante a sessão será revisitada a obra de muitos poetas que por ali passaram. António de Castro Caeiro fará a abertura do espectáculo, que conta com leituras de Isaque Ferreira, Paulo Campos dos Reis, João Paulo Costa, Cristiana Sabino, Celeste Pereira e Paula Ventura. A música estará a cargo de Manel Cruz, colectivo «Retimbrar» e José Valente; a sessão de novo circo será levada a cabo por Jorge Lix e Vasco Gomes.

De assinalar que a sessão das Quintas de Leitura de Outubro (amanhã, 29), sob o tema «Poesia, uma história de loucos», já está esgotada.



Imagem de JAS

# BPI SENIORES 2015

## PROJECTOS VENCEDORES

O Prémio BPI Seniores distingue projectos que promovem a melhoria da qualidade de vida e o envelhecimento activo de pessoas com mais de 65 anos. Na 3ª edição, o BPI Seniores registou 713 candidaturas e o Júri distinguiu 32 projectos de instituições privadas sem fins lucrativos, atribuindo um donativo total de € 700.000, mais € 200.000 do que nas edições anteriores.

O BPI agradece o trabalho do Júri de selecção e a participação de todas as instituições que se candidataram, que são o testemunho do interesse gerado por esta iniciativa, que irá repetir-se em 2016. A todos os premiados, as mais vivas felicitações e os votos de bom sucesso para os seus projectos.

### 1º Prémio

Associação de Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança - ASMAB	Bragança	€ 35.750
Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa	Lisboa	€ 15.623

### Menções Honrosas

LEQUE - Associação de Pais e Amigos de Pessoas com Necessidades Especiais	Bragança	€ 14.450
Centro Social Paroquial de Mascotelos e Santiago	Guimarães	€ 45.000
Cruz Vermelha Portuguesa - Delegação de Silves - Albufeira	Faro	€ 17.497
Mulher Séc. XXI - Associação de Desenvolvimento e Apoio às Mulheres	Leiria	€ 33.286
Casa do Povo de Santa Bárbara da Ilha Terceira	Angra do Heroísmo	€ 32.500
APCC - Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra	Coimbra	€ 8.682
Fundação Nossa Senhora da Esperança	Castelo de Vide	€ 17.550
Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Vila Franca de Xira	Vila Franca de Xira	€ 25.086
Santa Casa da Misericórdia de Sesimbra	Sesimbra	€ 35.943
Santa Casa da Misericórdia do Barreiro	Barreiro	€ 33.795
Serviço Jesuíta aos Refugiados	Lisboa	€ 22.778
Santa Casa da Misericórdia de Vila Viçosa	Vila Viçosa	€ 34.548
Fundação de Solidariedade Social - Lar e Centro de Dia Nobre Freire	Beja	€ 12.363
Santa Casa da Misericórdia de Vila Alva	Cuba	€ 7.872
Cáritas Diocesana de Vila Real	Vila Real	€ 47.416
Liga Social e Cultural Campos do Lis	Leiria	€ 10.082
Casa do Povo de Capelas	Ponta Delgada	€ 9.500
Associação Para o Desenvolvimento de Galegos	Penafiel	€ 8.062
Associação Humanitária Social e Cultural de Pinhanços	Seia	€ 20.000
NOSSA TERRA	Ourique	€ 28.000
Santa Casa da Misericórdia de Montemor-o-Velho	Montemor-o-Velho	€ 25.861
Centro Cultural e Social de Santo Adrião - CCSSA	Braga	€ 9.069
Associação de Pais de Mourisca do Vouga - "OS PIONEIROS"	Águeda	€ 6.700
Fundação Manuel Brandão	Oliveira de Azeméis	€ 12.031
Solar do Mimo - Centro de Acolhimento Temporário de Crianças em Risco	Seia	€ 29.589
Cruz Vermelha Portuguesa - Delegação de Sanguedo	Santa Maria da Feira	€ 10.927
Fonte Santa - Centro Social da Serra do Bouro	Caldas da Rainha	€ 43.991
Azimute - Associação de Desportos de Aventura, Juventude e Ambiente	Bragança	€ 25.304
Cruz Vermelha Portuguesa - Delegação de Espinho	Espinho	€ 17.391
Centro Social Paroquial de Nossa Senhora da Piedade	Leiria	€ 3.354

Para mais informações visite [www.bancobpi.pt](http://www.bancobpi.pt)